

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL E
MOTOR DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**

PATRICIA DOS SANTOS VARELLA

FLORIANÓPOLIS
2010

PATRICIA DOS SANTOS VARELLA

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL E
MOTOR DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Educação Física.

Prof. Dra. Ângela T. Zuchetto - Orientadora

FLORIANÓPOLIS
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

A Comissão examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia),

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL E MOTOR DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Elaborado por
PATRICIA DOS SANTOS VARELLA

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Banca Examinadora:

Orientadora – Prof^ª. Dr^ª. Ângela Teresinha Zuchetto - UFSC

Membro – Prof. Dr. John Peter Nasser - UFSC

Membro – Prof^ª. Ms. Talita Barbosa Miranda – UFSC

Suplente – Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso – UFSC

Florianópolis, SC., 25 de junho de 2010

Dedico este trabalho aos meus maiores exemplos de vida; meus padrinhos de batismo (*in memoriam*) Osni de Medeiros Régis e Maria Helena Camargo Régis. Professores do amor fraterno que me ensinaram o que é amar no mais íntimo que a alma pode alcançar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus todos os dias de minha vida pelas experiências que já vivi em seu amor. E por ter chegado onde estou muitas vezes sendo carregada por Ele. Obrigada Senhor, por me amar tanto, e estar sempre junto de mim!

Agradeço por terem sempre acreditado em mim: meus padrinhos de batismo, Maria Helena Camargo Régis e Osni de Medeiros Régis (*in memorian*), que estiveram sempre presentes desde o meu primeiro minuto de vida, até os seus últimos momentos.

À Madalena dos Santos, minha super mãe, que errando e acertando, foi sozinha mãe, e o pai que não tive presente.

Um amigo mais que especial, que passou por minha vida a mais de dez anos e ficou. Porque amigo de verdade não é aquele que só passa a mão na cabeça, e sim aquele que se preocupa e sabe puxar a orelha na hora certa. Reni Machado Filho é o nome dele. Que mesmo quando eu era apenas uma bolsista de segundo grau no Tribunal de Justiça, ele estava sempre lá, me incomodando o tempo inteiro dizendo: “Patrícia, você precisa pensar no que quer fazer para o vestibular!” Quando isso era algo improvável para a minha realidade de vida. Valeu Reni! Se você não fosse tão chato eu não teria feito a faculdade e não teria chegado até aqui. Você faz parte dessa história.

Ao meu avô, Manoel Francisco dos Santos (*in memorian*), o vovô Nelo, que mesmo sem saber o que significava vestibular, esteve de joelhos rezando por mim, na hora em que eu fazia a prova. Faleceu na véspera do resultado, mas deve estar muito feliz onde estiver agora.

Aos meus amigos de caminhada, que também me ensinaram muito, Padre André Gonzaga, de coração inocente e alma pura; Luiz Augusto Gazaniga, que amo e admiro como um irmão; ao casal de amigos Roseli e Zé que sempre me estenderam as mãos nos momentos mais difíceis, sei que nossa amizade é fundamentada e guiada num amor que é Superior.

Já na primeira fase, “nasceu” a dupla Bruneti e Patineti. A mais atrapalhada que já conheci e fiz parte. Meu melhor amigo no curso, o Bruno Bittencourt da Silva. Fazíamos todos os trabalhos juntos. Levávamos uma semana para fazer uma folha, de tão enrolados que somos e de tanto que falávamos e ríamos juntos. Não tenho vergonha nunca de dizer o quanto o amo e sinto sua falta. Só temos lembranças boas um do outro.

O maior medo se aproximava, antes da monografia, era o medo do estágio obrigatório. Quando eu estava prestes a desistir, apareceu ele, alguém que me surpreendeu de tal forma que permaneci no curso. O Mestre Cristiano Mezzaroba, meu Professor do estágio I. Como alguém que recém tinha saído do mestrado, substituto, poderia ser tão bom professor? Foi presença constante aos seus alunos, mal tínhamos dúvidas e enviávamos emails, e ele sempre respondia instantaneamente. Estava sempre a nossa disposição, sugerindo, instigando, provocando, nos fazendo refletir de verdade o ambiente escolar. Nossas inseguranças quanto às experiências na escola eram sempre sanadas com palavras de apoio, sugestões e feedbacks constantes. Não deu tempo de pensar em desistir, tamanho foi o interesse despertado com a ajuda do grande professor e amigo CRISTIANO.

Professores do CDS que aprendi a admirar:

- Carlos Luiz Cardoso - As discussões na primeira fase sobre o que é o “SER” são inesquecíveis; e o filme “Sociedade dos Poetas Mortos” em que ele nos passou, e ao final da aula, depois de conversar com nossa turma a respeito, num impulso de coração, sem ninguém combinar, todos nós da turma levantamos e ficamos em pé em cima das cadeiras e o aplaudimos. Repetimos a cena mais tocante do filme. Para o Professor que em poucas aulas, conseguiu nos ensinar seus objetivos. Foi a cena mais bonita e inesquecível que vivenciei em sala de aula nesta faculdade.
- O professor Giovani de Lorenzi Pires, que mesmo eu não tendo sido sua aluna, sempre o admirei pela sua inteligência, por ser justo, pelo seu interesse e comprometimento com os alunos.
- A professora Rosane Carla Rosendo da Silva, pelas aulas magistrais e pela imparcialidade.
- O professor John Peter Nasser, que mesmo quando eu não entendia nada de biomecânica, ele ainda assim insistia em me ajudar; num desses momentos ele me disse algo que nunca esqueci e passei admirá-lo a partir disso: “a minha função não é prejudicar o aluno, e sim ajudá-lo!”
- A professora Iracema Soares de Souza, pela luta e pela busca do interesse dos alunos em aprender a pensar...

- O professor Edison Roberto de Souza, grande avaiano e amigo dos alunos. Além de ser um ótimo professor de atletismo.
- O professor Ricardo Lucas Pacheco, mega didático. Não tem como não aprender com ele.
- E finalmente o professor Edgard Mattiello Junior, o “advogado” dos alunos. Sempre teve seus alunos como prioridade, deixando seus interesses de lado. Não foi só meu professor de Emergências em Educação Física, foi um professor de valores humanos e além de falar, foi um grande exemplo disso. “Uma vida vale mais do qualquer coisa!”

E o que dizer do AMA? Que ironicamente acabei cursando por três semestres também “vítima” da mudança curricular? Talvez se tivesse ficado menos tempo, não teria me apaixonado pelas crianças que ali estão. Foi o tempo necessário para que eu aprendesse a crescer, e me desprender de qualquer tipo de preconceito.

É uma escola de vida, que através do amor pelo projeto, transmitido pela professora Ângela Zuchetto, aprendemos a olhar as pessoas de uma maneira diferente. O AMA é uma escola anti-preconceito. Aprendi no projeto que os deficientes não são as crianças com Síndrome de Down, autistas, etc., eles são especiais de verdade, deficientes são as pessoas que não conseguem enxergar o valor que eles têm.

Agradeço a professora Ângela Zuchetto, pela paciência, pela disponibilidade e por suas orientações. E por se empenhar, por ser tão apaixonada e por lutar tanto pelo AMA, pois através dele, aprendemos na prática, o que nenhuma literatura científica conseguiria nos passar. Valores humanos através dos olhos daquelas crianças, inocência, pureza, verdade e carinho.

Obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento intelectual e espiritual!

Assim como os dedos de uma mão são todos diferentes, mas devem trabalhar juntos para poderem ser chamados de “mão”, a verdadeira harmonia é apenas possível quando nós apreciamos as diferenças e nos unimos com base no respeito.

Anthony Strano

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar os tempos, o comportamento motor e o comportamento social de crianças numa sessão de atividade motora adaptada. Para coleta de dados foi realizada a filmagem da sessão ministrada e a partir do que foi registrado foram feitas as primeiras análises. Para analisar o tempo nas atividades motoras adaptadas, utilizou-se a Matriz do Tempo de Engajamento na aula. O comportamento motor foi analisado a partir da Matriz do Comportamento Motor, composta de 12 categorias. Para analisar o comportamento social, utilizou-se o sociograma – a partir da matriz de análise. Participaram desta pesquisa oito crianças participantes do projeto AMA com deficiências dos tipos, intelectual e física como: Síndrome de Down, Autismo, Paralisia Cerebral e Mielomeningocele. Verificou-se quanto ao tempo das atividades, maior comprometimento em atividades com ritmo, tornando-se mais duradouras. No comportamento motor, que todos são capazes de realizar todas as atividades propostas, desde que sejam realizadas adequações às suas possibilidades. Quanto ao comportamento social, foi demonstrado grande interesse, maior aceitação e interação em atividade proposta com música e dança.

Palavras-Chave: Pessoa com Deficiência. Comportamento motor. Comportamento social. Atividade Motora Adaptada.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1 – Caracterização dos Sujeitos	25
FIGURA 1 – Procedimentos para Coleta de Dados	26

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tempos da Aula	28
QUADRO 2 – Comportamento Motor de C1 e C2	31
QUADRO 3 – Comportamento Motor de C3 e C4	31
QUADRO 4 – Comportamento Motor de C5 e C6	32
QUADRO 5 – Comportamento Motor de C7 e C8	33
QUADRO 6 – Sociograma – C1	34
QUADRO 7 – Sociograma – C2	36
QUADRO 8 – Sociograma – C3	38
QUADRO 9 – Sociograma – C4	40
QUADRO 10 – Sociograma – C5	42
QUADRO 11 – Sociograma – C6	44
QUADRO 12 – Sociograma – C7	46
QUADRO 13 – Sociograma – C8	48

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Tempos das Atividades e Transições	50
GRÁFICO 2 – Tempos das Atividade	51
GRÁFICO 3 – Tempos de Transição entre Atividades	52

GRÁFICO 4 – Tempos de Atividades x Transição	53
GRÁFICO 5 – Tempo Total da Aula	53
GRÁFICO 6 – Desempenho Motor das crianças durante a aula	54
GRÁFICO 7 – Desempenho Motor de C1	55
GRÁFICO 8 – Desempenho Motor de C2	56
GRÁFICO 9 – Desempenho Motor de C3	57
GRÁFICO 10 – Desempenho Motor de C4	57
GRÁFICO 11 – Desempenho Motor de C5	58
GRÁFICO 12 – Desempenho Motor de C6 e C7	59
GRÁFICO 13 – Desempenho Motor de C8	59
GRÁFICO 14 – Interações de C1	61
GRÁFICO 15 – Interações de C2	61
GRÁFICO 16 - Interações de C3	62
GRÁFICO 17 - Interações de C4	63
GRÁFICO 18 - Interações de C5	64
GRÁFICO 19 - Interações de C6	65
GRÁFICO 20 - Interações de C7	66
GRÁFICO 21 - Interações de C8	67
GRÁFICO 22 – Interações Gerais	68
GRÁFICO 23 – Relacionamento Interpessoal por Criança	68
GRÁFICO 24 – Atividade mais Interativa	69
GRÁFICO 25 – Relacionamento Interpessoal por Atividade	70

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano de Aula - Elaborado	77
APÊNDICE B – Plano de Aula – Executado	79

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Matriz de Análise do Tempo	82
ANEXO B – Matriz de Análise do Comportamento Motor	83
ANEXO C – Matriz de Análise do Comportamento Social – Sociograma	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS	14
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	14
2. REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 Pessoas com Deficiência	15
2.2 Tipos de Deficiências	15
2.3 A Educação Física Adaptada e sua Importância	20
2.4 Importância para o Desenvolvimento Social	21
2.5 Adequações do Comportamento Motor	22
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1 Caracterização do Estudo	24
3.1.1 Contexto do Estudo	24
3.2 Participantes da Pesquisa	25
3.3 Instrumentos para a Coleta de Dados	25
3.4 Procedimentos na Coleta de Dados	26
3.5 Análise de Dados	26
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	27
4.1 O Tempo das Atividades	27
4.2 O Comportamento Motor e suas Adequações	30
4.3 O Comportamento Social durante as Atividades	33

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	50
5.1 O Tempo Real, o Tempo Aproveitado e o Tempo Desperdiçado.....	50
5.2 Os Desempenhos Motores observados e suas Adequações	54
5.3 As Relações Interpessoais durante as Atividades	60
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	76
ANEXOS	81

1. INTRODUÇÃO

É recente, mas no Brasil, já se percebem preocupações em assumir políticas inclusivas a favor de uma sociedade mais igualitária às pessoas com deficiência.

A partir da Carta Magna, de 1988, no que se refere à educação, garante em seu capítulo III, seção I, artigo 208 e inciso III, que é dever do Estado garantir “*atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino*”.

Alguns autores discorrem sobre mudanças que vem ocorrendo e atitudes que devem ser tomadas, principalmente por profissionais ligados a pessoas com necessidades especiais.

O desafio de garantir o direito à participação de todas as pessoas na sociedade é integrado ao desafio de fazê-lo com garantia também de qualidade de vida. O movimento pela inclusão da pessoa com deficiência traz implicações importantes para o trabalho dos profissionais ligados ao atendimento dessas pessoas (CORRER, 2003).

As diretrizes para o ensino especial refletem o momento de um movimento que vem se delineando, no sentido de ser promovida uma maior aproximação entre o deficiente e a sociedade, constituída principalmente de indivíduos chamados normais. Nos dias atuais, a tendência da educação especial é continuar concretizando os princípios de normalização e integração (DAMASCENO, 1992).

A pessoa com deficiência mental vivencia alguns obstáculos cognitivos que dificultam sua adaptação ao meio, por isso, torna-se importante a realização de atividades que se ajustem às suas condições ao tempo em que possibilitem a conquista progressiva de sua autonomia intelectual. Nesse sentido, o jogo e a brincadeira assumem as características deste tipo de atividade (MANTOAN apud Pimentel, 2004).

O jogo possibilita ao deficiente mental aprender de acordo com seu ritmo e suas capacidades, além de propiciar a integração com o mundo por meio de relações e de vivências (IDE, 2000).

O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da criança. É nesse momento que ela percebe o mundo ao seu redor e sob seu olhar, cria desafios e aprende a solucioná-los.

Os objetivos da Educação Física para portadores de deficiência são os mesmos para programas de pessoas não deficientes. O que diferencia esses programas é a organização, os procedimentos e as regras e regulamentos empregados pelo profissional de Educação Física. Contudo, essas atividades serão adequadas a esses indivíduos se proporcionarem, além do desenvolvimento e condicionamento físico e mental, o prazer, estímulo e o aumento da auto-estima. Por isso a importância de planejar e executar programas com múltiplos objetivos (ADAMS, 1985).

Justifica-se esta pesquisa na experiência da autora, ao acompanhar o projeto AMA por três semestres consecutivos, e a partir dessas vivências cresceu a motivação para acompanhar as crianças com deficiência e buscar algo mais profundo através da análise teórica e observação minuciosa sobre seu desenvolvimento e comportamento.

Com base nestas considerações o objetivo deste estudo foi analisar uma sessão de atividade motora adaptada considerando o tempo, o comportamento motor e as relações interpessoais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar uma sessão de atividade motora adaptada considerando o tempo, as adequações necessárias, o comportamento motor e social de crianças com deficiência.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar o tempo de duração das atividades e o tempo de transição;
- b) Identificar fatores que influenciaram na administração do tempo na aula;
- c) Verificar o comportamento motor, as exigências motoras em cada atividade, salientando as possibilidades de cada criança;
- d) Avaliar as adequações necessárias nas atividades;
- e) Identificar as relações interpessoais em cada atividade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Pessoas com Deficiência

Entende-se por pessoa com deficiência aquela que não pode se garantir por si só nas atividades diárias, na educação, no lazer e na saúde, em decorrência de deficiências congênitas ou adquiridas. Estas deficiências podem ser: visual, auditiva, física e mental, e podem ser geradas por condições pré-natais, neonatais e pós-natais (SHERRILL, 2004).

A pessoa com deficiência, como qualquer indivíduo, possui as mesmas necessidades básicas, ele também quer ter sucesso, reconhecimento e aprovação (ADAMS, 1985).

É necessário reconhecer as limitações e o potencial das pessoas com deficiência para poder prepará-las para uma vida ativa, pois parte desses indivíduos possui um atraso motor nas atividades que envolvem o equilíbrio, a coordenação, a sensibilidade, o ritmo, o esquema corporal, a orientação espacial, além de hábitos posturais (MARQUES, 2005).

2.2 Tipos de Deficiências

Dentre os quatro tipos de deficiências citados por Sherrill (2004), como: visual, auditiva, física e mental, nesta pesquisa serão abordados os casos dos sujeitos caracterizados para este estudo. Os sujeitos analisados se enquadram nos tipos de deficiências físicas e intelectual.

2.2.1 Deficiência Física

Deficiência física refere-se aos problemas osteo-musculares ou neurológicos que afetam a estrutura ou a função do corpo, interferindo na motricidade. Ela é caracterizada,

por um distúrbio da estrutura ou da função do corpo, que interfere na movimentação e/ou locomoção do indivíduo (GORGATTI e COSTA, 2005).

A deficiência física, segundo Gorgatti e Costa (2005, p. 208) pode ser sub-classificada com relação à natureza do sistema afetado ou ao tempo de aquisição e duração do acontecimento:

a) Quanto à natureza podemos dividir os deficientes em:

- Distúrbios ortopédicos: referem-se a problemas originados nos músculos, ossos, e/ou articulações; e
- Distúrbios neurológicos: referem-se à deterioração ou lesão do sistema nervoso.

b) Quanto ao tempo ou duração da lesão podemos citar:

- Congênita (já presente ao nascimento) ou adquirida (adquirida após o nascimento);
- Aguda (manifestação intensa) ou crônica (manifestação de longa duração, sem quadro intenso);
- Permanente (não vai mais desaparecer ou curar) ou temporária (presente por certo período, depois do qual pode desaparecer ou ser curada); e
- Progressiva (que evolui) ou não progressiva (que não progride).

Paralisia Cerebral

Paralisia Cerebral é um distúrbio não progressivo da motricidade, que se evidencia na movimentação e postura. É causado por lesão ou por mau funcionamento do cérebro, o qual ocorre antes dos três anos de idade (GORGATTI e COSTA, 2005).

O controle da cabeça, do tronco e dos membros pode requerer auxílio de fisioterapia para ser desenvolvido. A aquisição e manutenção da posição sentada e o andar podem ocorrer tardiamente, ou mesmo não ocorrer, dependendo da gravidade do caso. Os portadores de PC podem apresentar outros problemas além dos de controle de movimento, também causados pela mesma lesão do cérebro que causou a deficiência. Entre esses distúrbios estão: a dificuldade para engolir, a sialorreia (ato de babar), a permanência de reflexos primitivos, os distúrbios da fala, os distúrbios sensoriais (visão, audição e outros), as convulsões, a deficiência mental, e os distúrbios perceptomotores (GORGATTI e COSTA, 2005, p. 230 e 231).

Resulta em um tipo de paralisia, fraqueza, tremor ou movimento não coordenado, dependendo da gravidade e da localização do dano cerebral. A paralisia cerebral é

classificada em cinco categorias: espástica, atetose, ataxia, rigidez e tremor (GALLAHUE, 2008).

Meningomielocele

As meningomieloceles são defeitos congênitos de fechamento do canal medular com graus variados de envolvimento medular. A etiologia é incerta e a herança é multifatorial. Os defeitos estão mais comumente encontrados na região lombossacra. O fechamento do orifício deve ser feito em pelo menos duas etapas: do sistema nervoso central propriamente dito (dura-máter) e dos tecidos sobrejacentes, como músculo, fáscia, gordura e pele. Para os defeitos pequenos, pode ser realizado fechamento primário. Já para defeitos maiores, ou mesmo naqueles em que a pele redundante é de má qualidade, o fechamento primário pode ser impossível ou trazer risco de complicações pós-operatórias locais (deiscência de sutura, necrose de bordas e fístula líquórica) (ARQUIVOS CATARINENSES DE MEDICINA, V.36; p. 151, 2007).

2.2.2 Deficiência Mental

A deficiência mental corresponde a um grupo heterogêneo de desordens com variadas causas. Caracteriza-se por limitações cognitivas e funcionais em áreas como habilidades da vida diária, habilidades sociais e comunicação. As crianças com deficiência mental, como grupo, demoram mais para andar, falar, possui estatura um pouco mais baixa e costumam ser mais suscetíveis a problemas físicos e doenças do que as outras crianças (KREBS, 2004).

Muitas são as causas da deficiência mental, podendo estas serem originadas por problemas hereditários e genéticos, assim como por moléstias infecciosas durante a gravidez que comprometem o feto e também por fatores como subnutrição, condições de higiene e saúde, e doenças maternas durante a gravidez (SCHEUER, 1987).

Conforme o Censo Demográfico do IBGE de 2000, aproximadamente 14,5% da população total do Brasil apresenta algum tipo de incapacidade ou deficiência. E dentro desse percentual, a deficiência mental representa 8,3% das pessoas (SIDORDE, 2000).

De acordo com Rosadas (1991) os fatores de risco e as causas da deficiência mental podem ser pré-natais, neonatais e/ou pós-natais, conforme descrito abaixo:

- Pré-natais: são os fatores que incidirão desde a concepção até o início do trabalho de parto, e podem ser: desnutrição materna; má assistência a gestante; doenças infecciosas na mãe: sífilis, rubéola, toxoplasmose; fatores tóxicos na mãe: alcoolismo, uso de drogas, efeitos colaterais de medicamentos (medicamentos teratogênicos), poluição ambiental, tabagismo; fatores genéticos: alterações cromossômicas (numéricas ou estruturais), ex.: síndrome de down, síndrome de martin Bell; alterações gênicas, ex.: erros inatos do metabolismo (fenilcetonúria) síndrome de Williams, esclerose tuberosa, etc.
- Neonatais: são os fatores que incidirão do início do trabalho de parto até o trigésimo dia de vida do bebê, e podem ser: má assistência ao parto e traumas de parto, anestesia em excesso, parto prolongado, fórceps; hipóxia ou anóxia (oxigenação cerebral insuficiente); prematuridade e baixo peso (PIG – Pequeno para Idade Gestacional), icterícia grave do recém nascido – kernicterus (incompatibilidade RH/ABO).
- Pós-natais: aqueles que incidirão do trigésimo dia de vida até o final da adolescência e podem ser: desnutrição, desidratação grave, carência de estimulação global; infecções: meningoencefalites, sarampo, meningite; intoxicações exógenas (envenenamento): remédios, inseticidas, produtos químicos (chumbo, mercúrio); acidentes: trânsito, afogamento, choque elétrico, asfixia, quedas; infestações: neurocisticercose (larva da Taenia Solium).

Em outras palavras e de maneira mais sucinta, mas chegando as mesmas conclusões das causas acima, Gorgatti e Costa (2005) dividem a deficiência mental em três níveis diferentes, causas pré- natais, causas perinatais e pós-natais.

- Causas pré-natais: infecções; álcool, drogas, intoxicações e radiações; hidrocefalia ou macrocefalia; microcefalia; Alterações na distribuição cromossômica: x-frágil e síndrome de down; Anormalidades genéticas que afetam o metabolismo.
- As causas perinatais são a anóxia ou hipóxia no parto ou em algum tipo de trauma que resulte em lesão cerebral.
- E as causas pós-natais: moléstias desmielinizantes; radiações e medicamentos; privação econômica; privação familiar e cultural.

Autismo

O autismo caracteriza-se por alterações na interação social, na comunicação e no comportamento. Manifesta-se antes dos três anos e persiste durante a vida adulta. Basicamente, quatro fatores indicam a presença do autismo infantil: problemas de relacionamento social, dificuldade de comunicação, atividades e interesses restritos e repetitivos e início precoce. (Laboratório de Neurociências, Instituto de Psiquiatria, USP, 2007)

Embora sua origem seja desconhecida, alguns dos fatores aos quais pode ser associado são exposições químicas durante o período fetal, desequilíbrios nutricionais ou fenilcetonúria não tratada. O distúrbio do autismo afeta o sistema nervoso central (GALLAHUE, 2008).

Os indivíduos portadores de autismo variam em termos de inteligência, desde agudamente retardados até acima da média, embora a maioria possua algum grau de retardo. Crianças portadoras de autismo são frequentemente incluídas no programa regular de Educação Física, mesmo que tenham uma tendência para exibir padrões de fala peculiares, como comportamentos bizarros, falta de receptividade social e afastamento, estereótipos rítmicos incomuns e ecolalia (repetição involuntária das palavras de outras pessoas) (GALLAHUE, 2008).

Síndrome de Down

A Síndrome de Down é resultante de uma entre três anormalidades cromossômicas. A causa mais comum é a trissomia 21, assim chamada por causa da presença de um cromossomo extra 21. Isso faz com que o número total de cromossomos seja 47 em vez de 46, que é o número normal (23 cromossomos recebidos de cada genitor). Outra causa da síndrome de down é a não-disjunção. Isso ocorre quando um par de cromossomos não se divide durante a divisão celular por meiose, fazendo com que uma célula haplóide tenha 24 cromossomos e a outra, 22. Outra causa mais rara, é a translocação, que ocorre quando dois cromossomos crescem juntos de tal forma que, mesmo aparentando ser um único cromossomo, na verdade contêm o material genético de dois (DAMASCENO, 1992).

Apesar de existirem mais de 80 características associadas à Síndrome de Down, as características físicas mais comuns são as seguintes:

Os sinais considerados como mais característicos são: na boca, dentes pequenos, língua sulcada, palato (céu da boca) elevado na forma de ogiva; nos olhos, prega epicantal (no canto dos olhos) e formato oblíquo da fenda palpebral; nas mãos, forma grossa e curta, dedo mínimo arqueado e dobra palmar (linha da palma da mão) incluindo quatro dedos maiores; no crânio, occipital (osso da parte de trás da cabeça) achatado; e nos músculos e articulações, presença de hipotonia e flexibilidade exagerada. Geralmente os genitais das crianças são pouco desenvolvidos e os músculos da parte central do abdômen, muitas vezes, apresentam-se separados. Algumas crianças com síndrome de down apresentam má formação cardíaca ou do aparelho digestivo (DAMASCENO, 1992, p. 60).

A Síndrome de Down é a mais reconhecida condição genética associada a retardo mental. Embora o pai seja geneticamente responsável pela anormalidade em cerca de 25% dos casos, as mulheres com mais de 35 anos que queiram gerar um filho, quanto maior for a sua idade maiores são os riscos de que ela tenha um bebê com Síndrome de Down (PINHEIRO, 2001).

2.3 A Educação Física Adaptada e sua Importância

A Educação Física Adaptada constitui a atividade física para pessoas com deficiência, a AAHPERD (1957), trabalha com atividades desenvolvimentistas, jogos e atividades rítmicas adequadas aos interesses, capacidade e limitações desses sujeitos. Essas atividades, além de promoverem o funcionamento adequado dos interesses corporais, necessários a produção de movimentos desejados, buscam proporcionar também um ajustamento social no indivíduo, estímulo a criatividade, liberdade de auto-expressão, assim como a habilidade de explorar, descobrir e entender o mundo ao seu redor (ADAMS, 1985).

Cinco objetivos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física são propostos por Adams (1985), principalmente se forem para alunos com necessidades especiais:

- 1) **Orgânico:** desenvolver o funcionamento adequado dos sistemas corporais para que o indivíduo possa responder às demandas que o ambiente lhe impõe. Um fundamento para o desenvolvimento da habilidade. Habilidades como força e resistência muscular, resistência cardiovascular e flexibilidade.
- 2) **Neuromuscular:** desenvolve o funcionamento harmonioso dos sistemas nervoso e vascular para produzir os movimentos desejados. Desenvolve habilidades locomotoras (como andar, pular, empurrar), não locomotoras (como inclinar, girar), motoras (como precisão, equilíbrio), esportivas e recreacionais.
- 3) **Interpretativo:** desenvolve a habilidade de explorar, descobrir e entender e de adquirir conhecimento para poder fazer julgamentos justos. Proporciona um

conhecimento de regras, estratégias e técnicas dos jogos e atividades organizadas. Desenvolve ainda: controle viso-motor, percepção espaço temporal e imagem corporal.

4) **Social:** desenvolve um ajustamento tanto do individual quanto grupal, através da integração do indivíduo na sociedade e em seu ambiente. Desenvolve ainda: a criticidade, a comunicação, as características positivas da personalidade e a sua aceitação. Aprende a conviver em sociedade.

5) **Emocional:** proporciona diversão, liberdade de expressão e criatividade; respostas saudáveis à Educação Física através do preenchimento das necessidades básicas. Desenvolve reações positivas tanto para o participante quanto para o não-participante, seja no sucesso e/ou no fracasso.

Os objetivos das atividades nas aulas de Educação Física Adaptada deverão estar relacionados à idade mental da criança, e não à cronológica (SHERRIL, 1986).

Portanto, conforme concluído por Olivier e Zuchetto (1997), as crianças com deficiência mental precisam brincar com outras crianças para socializar-se e incentivar o seu desenvolvimento. Precisam transpor limites, criar, relacionar, fantasiar, isto é possível nas brincadeiras, pois quando se brinca tudo é possível, o irreal passa a ser real num mundo onde a fantasia auxilia a realidade.

Em um estudo conduzido por Cerutti e Zuchetto (2001) com um sujeito com Síndrome de Down, perceberam que a atividade motora adaptada desenvolveu qualidades físicas e melhorou o desempenho social do indivíduo.

A Educação Física Adaptada é uma parte da Educação Física, cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas (GORGATTI e COSTA, 2005).

Atividades recreativas e esportes ajudam a restaurar as capacidades individuais dos indivíduos, estimula o desenvolvimento de habilidades motoras, o condicionamento físico, o movimento e a destreza física, e o faz trabalhar o mais independente possível e integrado aos seus companheiros, vivenciando experiências de sucesso (ZUCHETTO, 1997).

2.4 Importância para o Desenvolvimento Social

O interesse pelos esportes adaptados vem aumentando no mundo inteiro, o envolvimento em esportes é um privilégio, seu significado e finalidade devem satisfazer necessidades básicas, terapêuticas e de lazer. A prática esportiva, jogos e atividades também preenchem objetivos sociais e emocionais. Possibilita diversão e reações positivas com a participação em atividades que melhoram o desenvolvimento social e a auto-estima da pessoa (ADAMS, 1985).

Sabe-se que o esporte tem importância na qualidade de vida das pessoas, em especial das pessoas com deficiência. A atividade esportiva pode contribuir não somente para o desenvolvimento físico, mas como uma poderosa ferramenta de ajuda na reabilitação e inclusão de pessoas com deficiência junto à sociedade, além de lhes propiciar independência (SENATORE, 2006).

A participação de pessoas deficientes nos esportes, jogos ou atividades físicas em geral, além de preencher as finalidades do desenvolvimento físico, com enfoque no fortalecimento dos grupos musculares..., visando à melhoria da capacidade funcional, pode alcançar também objetivos sociais e emocionais, através da ocupação do tempo livre (NETO, 1997).

O programa de Educação Física que inclui crianças portadoras de necessidades especiais causa um profundo impacto positivo sobre o ajuste social tanto daqueles que são portadores de necessidades especiais como daqueles que não são. O programa de Educação Física baseado em fatores desenvolvimentistas, individualizado e personalizado, é voltado para as necessidades e capacidades de todas as crianças. Como tal, ele incentiva a aceitação destas crianças pela sociedade e, conseqüentemente, a aceitação do indivíduo por ele mesmo (GALLAHUE, 2008, p.168).

Os exercícios, o esporte e o lazer propiciam algumas vantagens que podem melhorar a qualidade de vida do deficiente como: desenvolvimento do potencial motor; novos conhecimentos para o crescimento cognitivo; expressão corporal; melhoria do seu relacionamento; melhora na verbalização (motora e social); entre outros. Além de que a atividade motora bem adaptada tornará o deficiente uma pessoa suficiente para se manter eficiente por mais tempo, menos dependente e mais feliz. Para pessoas com deficiência o esporte é considerado um importante provedor de benefícios. O espetáculo proporcionado pela prática esportiva pode servir para derrubar barreiras e quebrar preconceitos (MAUERBERG-deCASTRO, 2005).

2.5 Adequações do Comportamento Motor

Durante anos a falta de informação e conhecimentos mais precisos sobre as pessoas deficientes causaram e ainda causam um grande problema que é a exclusão na sociedade pela não participação quer nas atividades de vida diária quer seja nas atividades sociais, e recreativas. Um dos fatores limitantes é a ausência de atividades que ofereçam oportunidades de práticas esportivas a socialização. As pessoas com deficiência sofrem danos que, muitas vezes, os impedem de participar de programas de atividades motoras

regulares e necessitam de alguma forma de adequação, estas dependem da necessidade do indivíduo, ou seja, para cada pessoa existe cuidados especiais e adequação de regras, procedimentos de ensino e materiais bem como as vias de acesso (ZUCHETTO, 2008).

“Um princípio essencial da Educação Física Desenvolvimentista é a necessidade de adequação individual na seleção das experiências motoras para todas as crianças” (GALLAHUE, 2008, p.149).

As características físicas e motoras não diferenciam muito entre as crianças com deficiência mental e as outras. Apesar da maioria das crianças com deficiência mental evidenciar atraso no desenvolvimento motor, esses atrasos parecem estar relacionados a fatores cognitivos de atenção e compreensão do que a déficits psicológicos ou motores (KREBS, 2004).

Cabe aos profissionais da área de Educação Física descobrir novas possibilidades de atividades adequadas a Educação Especial. Para que a Educação Física possa ocupar definitivamente seu espaço como uma ciência, que tem como um dos objetivos mais importantes o ajustamento e equilíbrio biopsicossocial do homem ou crianças, em crescimento e necessidades de atenção especial e, a partir disto, selecionar atividades e materiais adequados (SILVEIRA E ZUCHETTO, 2002).

Na avaliação da aptidão física e na elaboração de programas, alguns cuidados podem ser tomados visando a segurança e adequação para obtenção dos objetivos. Compreendendo-se as dificuldades e alterações motoras que afetam quem possui tais distúrbios, o profissional de Educação Física e esporte poderá eleger procedimentos e adaptações necessárias. Além disso, terá maior segurança para identificar problemas relativos à deficiência separando-os das dificuldades enfrentadas na execução e no desempenho das atividades motoras (GORGATTI e COSTA, 2004).

O esporte para deficientes é muitas vezes adaptado as limitações e potencialidades do indivíduo para possibilitar a experiência de novos movimentos e novas vivências, promovendo integração total do indivíduo com a sociedade (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização do Estudo

A presente pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa-descritiva do tipo estudo de caso.

3.1.1 Contexto do estudo

O AMA - Programa de Atividade Motora Adaptada é um programa dedicado à formação de profissionais para o trabalho com populações especiais e dedicados, também, à pesquisa e à extensão. É uma estrutura vinculada ao Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/CDS/UFSC), oferecendo suas dependências e ações gratuitamente, desde março de 1995 (ZUCHETTO, 2008). Esse programa foi criado para atender às necessidades de aprofundamento em Educação Física Especial, do Curso de Educação Física oferecido pelo CDS/UFSC. Em toda sua trajetória procurou se fundamentar na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um dos pilares da Universidade (ZUCHETTO, 2008).

O programa tem como objetivo: oferecer atividades motoras adaptadas (dança, recreação, esportes e atividades na água) a pessoas com deficiências visuais, mentais, físicas e auditivas (extensão); oportunizar vivências práticas aos alunos do Centro de Desportos, com essa população (ensino/formação); estimular processos de educação continuada; desenvolver pesquisas na área de atividade motora adaptada (pesquisa) e elaborar material didático (ZUCHETTO, 2008).

As atividades ocorrem em dois encontros semanais, com média de duração de uma hora. Neste programa, atuam e realizam estudos os alunos do Curso de Educação Física e de áreas afins, são oferecidas atividades no solo (atividades recreativas, esportivas e dança) e na água (ZUCHETTO, 2008).

3.2 Participantes da Pesquisa

Participaram desta pesquisa oito crianças participantes do projeto AMA com deficiências dos tipos, intelectual e física como: Síndrome de Down, Autismo, Paralisia Cerebral e Mielomeningocele.

A Tabela 1 caracteriza as crianças que participaram da análise estudada. Os aspectos a serem considerados são: de identificação da criança, gênero, ano de nascimento, tipo de deficiência e diagnóstico. Para que seja respeitada a identidade de cada criança, não foram utilizados seus nomes na descrição dos dados.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos

Sujeito	Gênero	Ano de nascimento	Tipo de deficiência	
C1	Feminino	04/1998	Intelectual	Síndrome de Down e de West e Autismo
C2	Masculino	04/2008	Física	Mielomeningocele
C3	Masculino	01/1999	Física	Mielomeningocele
C4	Feminino	11/1996	Intelectual/Física	Paralisia Cerebral
C5	Masculino	12/1987	Intelectual	Autismo
C6	Masculino	09/1999	Física	Paralisia Cerebral
C7	Feminino	12/1983	Intelectual	Paralisia Cerebral
C8	Feminino	05/2000	Física	Mielomeningocele

3.3 Instrumentos para Coleta de Dados

Para analisar o tempo nas atividades motoras adaptadas, utilizou-se a Matriz do Tempo de Engajamento na aula (ZUCHETTO, 2001). O objetivo da matriz é: verificar o tempo total da aula, os tempos atribuídos para as atividades e os tempos de transição.

O comportamento motor foi analisado a partir da Matriz do Comportamento Motor: facilidades, dificuldades e adequações. A matriz compõe-se de 12 categorias (ZUCHETTO, 2001).

Para analisar o comportamento social, utilizou-se o SOCIOGRAMA – a partir da matriz de análise (ZUCHETTO, 2001).

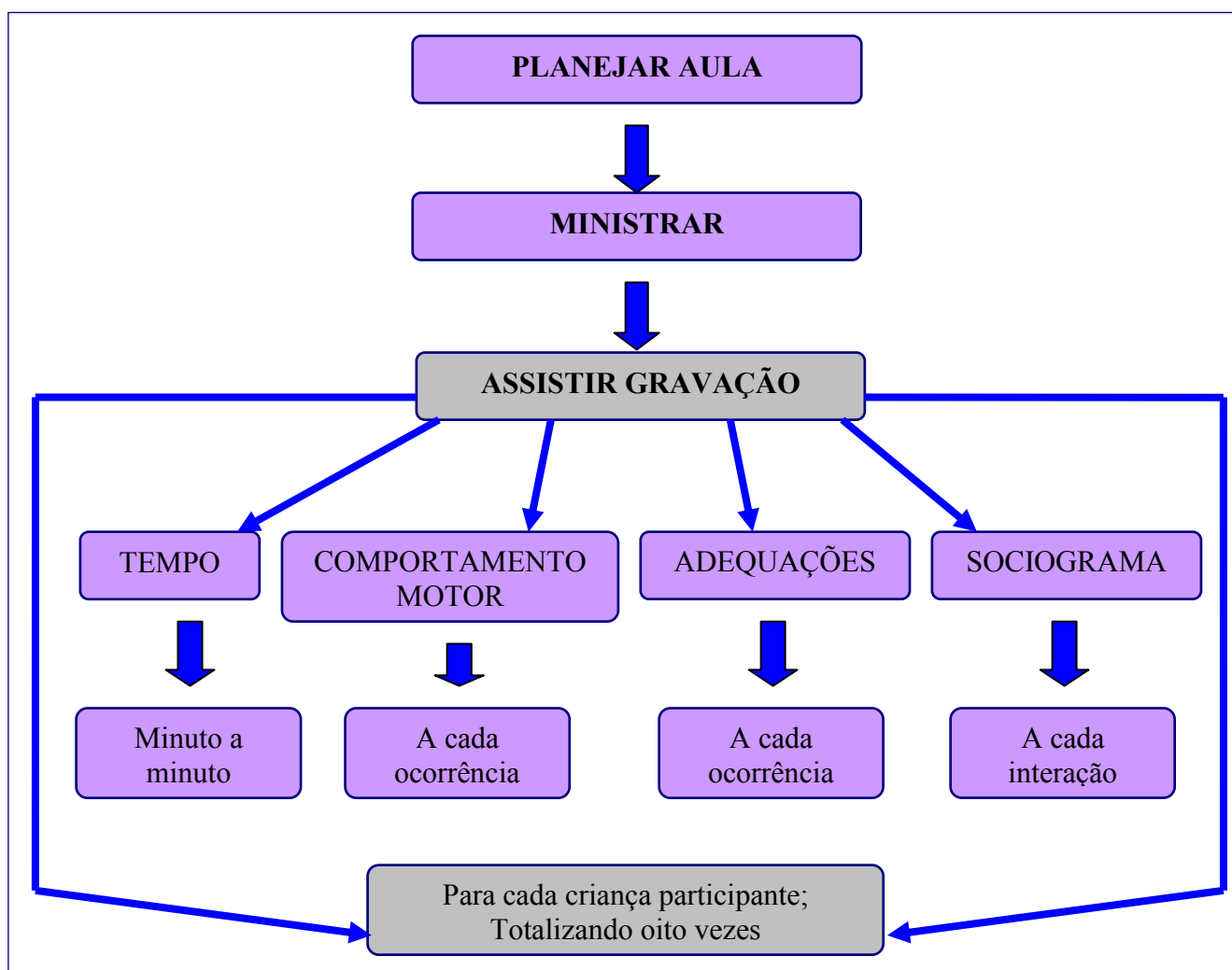
Foi utilizada uma filmadora da marca Sony, modelo HDRCX7 AUCHD 1081, para a filmagem das aulas.

A aula analisada foi realizada na sala de dança, no bloco 5, do Centro de Desportos da UFSC.

3.4 Procedimentos na Coleta de Dados

Foi selecionada uma sessão dentre as 36 ministradas no solo durante o primeiro semestre de 2010. Como critério de seleção, estabeleceu-se que a aula a ser analisada tivesse sido ministrada pela autora do estudo e que tivesse participação de no mínimo oito crianças. O organograma abaixo mostra os passos que foram seguidos para a coleta:

Figura 1 – Procedimentos para coleta de dados



3.5 Análise dos Dados

Os dados foram analisados de forma descritiva.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados encontrados neste estudo. Para facilitar a compreensão e visualização dos resultados, primeiramente serão apresentados os dados referentes aos Tempos utilizados durante a sessão de atividade motora adaptada; em seguida serão apresentados os dados referentes ao Comportamento Motor de cada criança objeto desta pesquisa e suas adequações necessárias para o bom desenvolvimento das atividades; e para finalizar a apresentação dos resultados, o Comportamento Social de cada criança, através de suas relações interpessoais, entre elas e os acadêmicos participantes da aula.

4.1 O Tempo das Atividades

A sessão ministrada teve todos os seus momentos observados, minuto a minuto. Serão apresentados os tempos de transição, de duração de cada atividade e o tempo total da aula.

O tempo de transição significa a duração ocorrida para a aula iniciar (chegada, organização da turma e explicação para a primeira atividade), mudança de atividade (organização, explicação e demonstração da próxima tarefa pelo ministrante) e, no final da aula, a despedida, quando alunos e acadêmicos cumprimentam-se para ir embora.

O tempo de cada atividade refere-se ao registro do minuto em que a atividade realmente começou e terminou, verificado a partir do sinal do ministrante após a explicação (transição) e o encerramento oficial. Em seguida, é efetuada a diferença e registrado no quadro da matriz de análise dos tempos. Estes dados estão apresentados no quadro I, como segue:

Quadro 1 – Tempos da Aula

ATIVIDADES	TEMPO INICIAL (h:min:seg)	TEMPO FINAL (h:min:seg)	DURAÇÃO
Tempo de Chegada	0:00:00	0:00:29	0:00:29
Tempo de Transição	0:00:30	0:01:57	0:01:28
Atividade 1: O lobo e os pintinhos.	0:01:58	0:08:37	0:06:40
Tempo de Transição	0:08:38	0:10:23	0:01:46
Atividade 2: Pintinho no telhado	0:10:24	0:17:00	0:06:37
Tempo de Transição	0:17:01	0:18:39	0:01:39
Atividade 3: Estouro da manada	0:18:40	0:23:35	0:04:56
Tempo de Transição	0:23:36	0:26:01	0:02:26
Atividade 4: Dança dos Steps	0:26:02	0:42:33	0:16:32
Tempo de Transição	0:42:34	0:43:51	0:01:18
Atividade 5: Música dos animais	0:43:52	0:46:20	0:02:29
Tempo de Saída	0:46:21	0:46:37	0:00:17
TEMPO TOTAL EM ATIVIDADES	0:38:14		
TEMPO TOTAL EM TRANSIÇÃO	0:08:23		
TEMPO TOTAL DA AULA	0:46:37		

Conforme pode-se verificar no quadro I, observa-se que o tempo para iniciar as atividades foi de 1 minuto e 57 segundos, considerando-se que a primeira atividade iniciou a 1 minuto e 58 segundos de filmagem. A atividade 1 foi “o “Lobo e os pintinhos”, sua duração foi de 6 minutos e 40 segundos. Neste tempo as crianças puderam passar pelo menos uma vez pela situação de todos os personagens da brincadeira. A transição para a segunda atividade demorou um pouco mais porque havia uma música em que os

ministrantes deveriam cantar para que ocorresse a atividade do “Pintinho no telhado”. Esse tempo foi de 1 minuto e 46 segundos.

Houve grande movimentação das crianças durante a segunda atividade, pois estavam atentas ao refrão da música em que liberava o “gavião” para pegá-los, por isso permaneciam sempre em movimento para manter distância do gavião e o momento certo de correr e protegerem-se. Esta atividade teve duração de 6 minutos e 37 segundos, tempo semelhante a primeira atividade.

A transição para a terceira atividade ficou na média entre a primeira e segunda transição. Foi de 1 minuto e 39 segundos. Por ser a próxima brincadeira simples e já conhecida pelas crianças, esta transição pode ser considerada longa, porque foi explicada por somente um dos ministrantes, ao contrário das anteriores. A brincadeira do “Estouro da manada” durou 4 minutos e 56 segundos. Talvez durasse um pouco menos se não fosse o entendimento inicial da atividade um pouco prejudicado. A intervenção dos ministrantes da aula foi necessária para que fluísse da maneira esperada.

O maior tempo transitório foi o destinado a quarta atividade que necessitava de preparação maior de material e também de explicações a turma. Como seria a dança dos “steps”, uma adaptação da dança das cadeiras cooperativas, houve preparação do local, com aparelho de som e CD de música, e foram espalhados os steps pela sala e explicado a todos como deveria ocorrer. Esse tempo de transição foi de 2 minutos e 26 segundos.

Como a aula deveria ser lúdica e cooperativa, o ápice da cooperação estava na quarta atividade. Quando a música parava ninguém poderia ficar sem seu step, o que faltasse não seria problema. Pois quem não tivesse um step só seu, deveria ser acolhido por algum colega que tivesse. Até que no final formou-se um grande step, em que todos deveriam subir. E para que todos coubessem, precisaram se abraçar para ninguém cair ou ficar de fora. A atividade teve variações, como começar dançando sozinhos e depois em duplas, e trocando as duplas. Por todas essas variações e também por haver música no momento, a duração foi de 16 minutos e 32 segundos. O ambiente criado com música e dança gerou um clima de festa que não deveria ser interrompido precipitadamente.

A menor transição foi a última, com 1 minuto e 18 segundos, pois a formação de todos seria fácil, com todos sentados no chão formando um círculo, já automatizado esse procedimento por muitos. Como a última transição, esta atividade também foi a mais curta. Por ser conhecida por todos e não haver necessidade de mais tempo. Pois é necessário cantar e realizar os gestos da música dos animais. E quando todos terminam de cantá-la a atividade encerra. Esse tempo foi de 2 minutos e 29 segundos.

O tempo máximo de cada aula do AMA é de 1 hora. O tempo em que ficaram em atividades foi de 38 minutos e 14 segundos. O tempo de transição de toda aula foi de 8 minutos e 23 segundos. Seu tempo total de filmagem foi de 46 minutos e 37 segundos, ou seja, o tempo total da aula. Considera-se finalizada a aula, assim que a câmera filmadora é desligada.

4.2 O Comportamento Motor e suas Adequações

Quanto ao Comportamento Motor foram feitas observações a cada uma das crianças, que serão mencionadas como C1 até C8 para preservar suas identidades.

Para verificar este tipo de comportamento, foram utilizadas para análise as 12 categorias existentes na Matriz de Análise do Comportamento Motor (Zuchetto, 2001).

As categorias observadas são as seguintes:

1. Conseguiu realizar a atividade;
2. Não conseguiu realizar a atividade;
3. Não realizou a atividade por outro motivo;
4. Precisou de auxílio de uma pessoa;
5. Precisou de auxílio de um objeto;
6. Dificuldade em manter-se em pé sem apoio;
7. Dificuldade de equilíbrio;
8. Dificuldade em sentar-se e levantar-se;
9. Dificuldade em caminhar;
10. Dificuldade em saltar;
11. Nenhuma dificuldade;
12. Outras dificuldades.

A partir da observação e análise de cada uma das categorias supracitadas, puderam-se observar as adequações que estavam sendo realizadas na sessão e as adequações que ainda precisariam ser ajustadas de acordo com as necessidades de cada criança.

A seguir encontram-se os quadros utilizados na análise, seguidos de suas apresentações de acordo com cada indivíduo citado. As letras seguidas dos números A1 até A5 referem-se a cada uma das atividades realizadas nesta sessão. Cada marcação com a letra “X” relata o que ocorreu com cada criança.

Quadro 2 – Comportamento Motor de C1 e C2

CATEGORIAS	A1	A2	A3	A4	A5	A1	A2	A3	A4	A5
	C1					C2				
	Conseguiu realizar a atividade				X		X	X	X	X
Não conseguiu realizar a atividade		X	X							
Não realizou a atividade por outro motivo	X				X					
Precisou de auxílio de uma pessoa		X	X	X		X	X	X	X	

A criança C1, na A1 e A5 “não realizou a atividade por outro motivo” por não estar presente na sala no momento em que ocorriam as atividades. Nas A2 e A3, “não conseguiu realizar a atividade” e “precisou de auxílio de uma pessoa”, porque ficava observando os demais e correndo pela sala. O auxílio oferecido foi de acadêmicos para que conduzissem C1 para realizar as atividades, sem respostas positivas, por C1 não aceitar e fazer somente o que quer. A A4 foi a mais favorável a participação de C1, por deixar todas as crianças livres pela sala e com música para que dançassem. Precisou de auxílio de um acadêmico para que a conduzisse, o que ajudou que C1 permanecesse por alguns momentos.

A criança C2 realizou todas as atividades, mas da A1 até a A4 precisou de auxílio de outra pessoa. O auxílio foi estar sempre no colo de algum acadêmico. A última atividade foi a única em que foi realizada por C2 sozinho. A acadêmica que o auxiliava nas atividades anteriores o colocou sentado a sua frente e deixou que ele repetisse as coreografias da música da A5.

Quadro 3 – Comportamento Motor de C3 e C4

CATEGORIAS	A1	A2	A3	A4	A5	A1	A2	A3	A4	A5
	C3					C4				
	Conseguiu realizar a atividade	X	X	X	X		X	X	X	X
Não realizou a atividade por outro motivo					X					
Precisou de auxílio de uma pessoa				X		X	X			
Dificuldade manter-se em pé sem apoio				X						
Dificuldade de equilíbrio				X		X				
Dificuldade em (sentar-se e) levantar-se				X			X			
Nenhuma dificuldade	X	X	X							

A criança C3, da A1 a A3 conseguiu realizar sem nenhuma dificuldade. A4 foi mais complicada para C3 realizar, porque tentou algumas vezes ficar de pé para dançar, e solicitou ajuda de um acadêmico por várias vezes para que isso acontecesse. Esta atividade já estava justamente adequada às necessidades de C3, por não conseguir ficar de pé, por isso os steps no chão ao invés das cadeiras, mas por vontade de C3, ele quis tentar ficar em pé. Por isso no quadro motor, C3 aparece na A4 “precisando de ajuda”, “com falta de equilíbrio” e “dificuldade de levantar-se”. Ainda assim, com suas tentativas, conseguiu realizar a atividade e, na A5 não realizou por não estar presente.

A criança C4 apesar de comprometimento com equilíbrio conseguiu realizar todas as atividades. Somente nas A1 e A2, em que precisava correr, foi que C4 necessitou de ajuda de um acadêmico. Na A1 apresentou desequilíbrio e caiu. Na A2, precisou de ajuda para sentar-se e levantar-se nas horas de fugir do “gavião”.

Quadro 4 – Comportamento Motor de C5 e C6

CATEGORIAS	A1	A2	A3	A4	A5	A1	A2	A3	A4	A5
	C5					C6				
	Conseguiu realizar a atividade	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Nenhuma dificuldade	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Outras dificuldades					X					

A criança C5 realizou A1 até A4 sem apresentar nenhuma dificuldade. Na A5 conseguiu realizá-la, mas teve como dificuldade a má coordenação motora para fazer os gestos da música e falta de atenção em alguns momentos, mas não interferiu de ir até o fim na brincadeira.

A criança C6 apresentou o quadro de comportamento motor igual de A1 até A5, conseguiu realizar todas as atividades e sem nenhum tipo de restrição ou dificuldade em nenhuma delas.

Quadro 5 – Comportamento Motor de C7 e C8

CATEGORIAS	A1	A2	A3	A4	A5	A1	A2	A3	A4	A5
	C7					C8				
	Conseguiu realizar a atividade	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Nenhuma dificuldade	X	X	X	X	X					X

A criança C7 apresentou o quadro de comportamento motor igual de A1 até A5, conseguiu realizar todas as atividades e sem nenhum tipo de restrição ou dificuldade em nenhuma delas.

A criança C8 também foi até o fim em tudo que realizou. Da A1 até A4, por exigir desempenho físico ela realizou tudo de acordo com as suas possibilidades. Na hora de correr engatinhava e de dançar, usava os movimentos dos braços. Na A5 que envolve atenção, C8 se destacou. Puxou a música, cantou, gesticulou e ainda percebeu os que erraram. Tudo isso enquanto acontecia a brincadeira. O que mostra o seu perfeito desempenho cognitivo.

4.3 O Comportamento Social durante as atividades

A partir daqui, apresentamos a coleta dos dados para analisar o comportamento individual de cada criança nesta sessão de atividade motora adaptada. Verificar as relações interpessoais ocorridas entre elas durante todo o tempo analisado, como a procura pelos colegas e pelos acadêmicos.

A seguir encontram-se os quadros utilizados na análise do comportamento Social, seguidos de suas apresentações de acordo com cada criança analisada. Cada marcação com a letra “X” relata por quem e quantas vezes a criança foi procurada; a cada marcação da letra “O” relata quantas e quais foram as pessoas procuradas pela criança analisada.

Esses dados estão apresentados nos Sociogramas do quadro 6 ao quadro 13, como segue:

Ao observar o sociograma abaixo, percebe-se a ausência da criança C1 na A1. Chegou na A2 quando decorriam 13 min. e 14 seg. de aula. Sua participação na aula é limitada a sua vontade. Há sempre um acadêmico tentando incentivá-la a participar das atividades. Em alguns momentos ela parava no meio da sala e ficava rindo e observando os colegas. Não realizou a maior parte das atividades, só quando queria, corria de um lado a outro em atividades de correr, como os demais colegas.

Suas procuras pelos colegas da aula são raras. As procuras descritas no sociograma, são dos momentos em que ela vai até alguém, pára na sua frente e dá um sorriso. Em seguida ela sai e fica parada olhando tudo a sua volta ou andando.

Quadro 6 – SOCIOGRAMA - C1

C 1	A1 *	A2	A3	A4	A5
	O LOBO E OS PINTINHOS	PINTINHO NO TELHADO	ESTOURO DA MANADA	DANÇA DOS "STEPS"	MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
C2					
C3				O	
C4					
C5				X	
C6		X		XXXXXXXXX XXXX	
C7					
C8				O	
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1		XX		XXXXXX	X
Acadêmico 2					
Acadêmico 3			X	XX	
Acadêmico 4			X		
Acadêmico 5		X	XXX	XXXX	
Acadêmico 6				X	
Acadêmico 7			O XX		
Acadêmico 8		X	XX	XX	
Acadêmico 9				XX O	
Acadêmico 10		XX O			
Acadêmico 11		XX		XXXX	
Acadêmico 12			O	X O	
Acadêmico 13			O	O	

Legenda:

FOI PROCURADO = "X"

PROCUROU = "O"

AUSENTE = " * "

A brincadeira em que precisou que mais acadêmicos ficassem próximos a C1 foi a A4. Nesta, C1 foi perseguida incessantemente pelo C6. Por doze vezes C6 foi atrás de C1, ou para beijá-la, fazer carinho ou para dançar. Ela saía e ia para outro lado. C1 ausentou-se da sala na A5 e não chegou a participar desta.

Quadro 7 – SOCIOGRAMA - C2

C 2	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
<i>C1</i>	*				
<i>C3</i>					
<i>C4</i>					
<i>C5</i>					
<i>C6</i>					
<i>C7</i>			X	X	
<i>C8</i>				X	
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1				X	
Acadêmico 2	XX	X		X	
Acadêmico 3				XX	
Acadêmico 4					
Acadêmico 5				X	
Acadêmico 6				XXX	X
Acadêmico 7		X	X	X	
Acadêmico 8	XXX		X		X
Acadêmico 9					
Acadêmico 10		XX	X		
Acadêmico 11				XXX	
Acadêmico 12		X			
Acadêmico 13	XX	X	X	X	

Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”

A criança C2 tem dois anos de idade e permanece a maior parte do tempo no colo de algum acadêmico e por isso não houve procura de C2 aos demais. Da A1 até A3, C2 esteve sempre no colo de sua mãe. A partir da A4 a acadêmica 7 o pegou no colo e participou da brincadeira de dançar com C2. No decorrer da mesma atividade a acadêmica 6 também o pegou no colo e permaneceu com C2 até o final da aula.

Quadro 8 – SOCIOGRAMA - C3

C 3	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 * MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
C1	*			X	
C2					
C4					
C5					
C6		X O		O XX O	
C7				X	
C8		X		OO	
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1		XX		XX	
Acadêmico 2				X OOO	
Acadêmico 3		O		X OO	
Acadêmico 4					
Acadêmico 5					
Acadêmico 6					
Acadêmico 7					
Acadêmico 8	XX		XXXXX OOO	XXX	X
Acadêmico 9				X	
Acadêmico 10	X	XX		XXXX	
Acadêmico 11	XX		O X O	XXX OO	
Acadêmico 12					
Acadêmico 13				O	O

Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”

Em vários momentos da aula C2 esteve fora de foco. Principalmente nas A2 e A3. Na A5 de cantar a música do crocodilo, nos momentos em que havia foco, percebe-se que C2 tentava imitar os gestos das outras crianças, como bater palminhas no momento em que se cantava “lá vem o crocodilo...”. Esta foi a única atividade em que C2 tentou realizar de verdade, sem ser conduzido a todo o momento por alguém.

A criança C3 chegou no decorrer da A1, entrou e ficou parado próximo a porta por algum tempo, até que surgisse a oportunidade de entrar e participar da brincadeira. Foi chamado pelo acadêmico 8 e entrou na brincadeira, participando de acordo com o solicitado e sem manifestar rebeldia.

Na transição para a A2 ficou parado prestando atenção e em silêncio ouvindo as explicações dadas pelo acadêmico 8. Durante a atividade, que tinha como objetivo quando um pintinho fosse pego por um gavião se tornaria gavião também, C3 sonegou quando acontecia com ele. Pela filmagem pode-se observar que ele foi pego várias vezes, devendo tornar-se gavião, mas mesmo assim sempre que era perguntado quem ainda era pintinho ele se passava pelo mesmo.

Na A3 ele já estava bem enturmado e voltou a agir como de costume, com deboche, teimosia e muita empolgação. Atrapalhou a explicação no início. Depois participou de toda a atividade.

Na A4 observou-se alguns pontos importantes. Como era com dança e a medida que a música parava todos deveriam subir e ficar em cima de um step, C3 já ficava dançando em cima do step, para garantir seu lugar quando parasse a música. E quando não estava em cima do mesmo, pegava e ficava abraçado com o step para que ninguém pegasse. Até que C3 percebesse que a atividade era cooperativa e todos sempre teriam steps para ficar, ele foi agindo dessa forma.

Outro fato ocorrido foi no momento em que deveriam dançar aos pares, o acadêmico¹¹ foi até C3 para dançar junto, mas não foi aceito. Pois ele só dançaria com meninas. A acadêmica 2 foi procurada por C3 para que ela dançasse com ele. E algo interessante aconteceu. C3 chamou o acadêmico 3, por três vezes para que o ajudasse a levantar, pois ele queria dançar em pé e não no chão. Por poucos segundos C3 conseguia ficar de pé, mas em todas as tentativas ele caía depois. Ao assistir o vídeo pode-se observar o seu grande esforço para conseguir acompanhar a sua dupla na dança. C3 esteve ausente na A5.

Quadro 9 – SOCIOGRAMA - C4

C 4	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
C1	*	X			
C2				O	
C3			X		
C5					
C6				XX	
C7		X		XXX	
C8					
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1	X	X			
Acadêmico 2	XXX O		O X		
Acadêmico 3		OO			
Acadêmico 4					
Acadêmico 5		OO		O	O
Acadêmico 6					
Acadêmico 7				O	O
Acadêmico 8	XX O		X		
Acadêmico 9				X	
Acadêmico 10	X				
Acadêmico 11		O		X	
Acadêmico 12					
Acadêmico 13	X O	X	X	X	XX

Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”

C4 participou ativamente de todas as atividades propostas como costuma ser em todas as aulas do solo. Na maior parte do tempo muito sorridente e em alguns outros momentos quando havia muita correria por parte dos outros participantes, ficava com a expressão facial um pouco assustada.

Na A1 esteve junto todo o tempo com a acadêmica 2. Num dado momento enquanto sua fila corria para “proteger o pintinho do gavião”, se desequilibrou e caiu. Não chegou a cair no chão porque estava sendo segurada pela acadêmica 2. Mesmo assim não se assustou e continuou contente na atividade.

Na A2 teve como acompanhante a acadêmica 13, no qual a acompanhou até o término da aula. Percebe-se nesta atividade que na hora de proteger-se para não serem pegadas pelo gavião, elas sentavam no chão antes do tempo, ou seja, antes de ser cantada a estrofe da música que dizia: “cuidado, muito cuidado seu pintinho com o gavião”. Por a acadêmica 13 que a acompanhava respeitar todas as proposições da aula, acredita-se que a antecipação delas ao sentar-se no chão e pôr as mãos na cabeça para se proteger do gavião antes do tempo, seja pela dificuldade que C4 tenha de sentar e levantar do chão. Pois a amplitude do movimento é maior do que sentar em uma cadeira e por isso ela precisa de ajuda, o que ocasiona uma demora maior.

Na A3 também realizou tudo o que foi proposto e se candidatou a começar passando para o outro lado da sala e dar o sinal de “estouro da manada”, para que todos corressem na direção em que ela já estaria.

Na A4 pareceu ser a que mais se divertiu. Gargalhou quando viu C6 perseguindo C1 para dançar. Em outro momento C6 também pegou a C4 para dançar e C4 fugiu envergonhada e voltou para a sua acompanhante, a acadêmica 13. Sorria muito olhando os colegas dançarem e ao dançar também com a acadêmica 13. Foi muito bem estimulada fisicamente nesta atividade pela acadêmica 13. Ela fazia diversos movimentos com os braços, pernas, mãos nos joelhos, de se abaixar levemente, tudo com movimentos de dança e de habilidade motora global, fazendo com que C4 a copiasse e se movimentasse bastante na atividade. Ao final desta atividade C4 demonstrou ter ficado com calor devido a movimentação.

A A5 como em todas foi realizada por C4. Esta sem necessidade de ajuda. Fez todos os gestos da “música do crocodilo” em menor amplitude de movimentos, de acordo com as suas limitações na movimentação de braços e mãos. Mas realizou tudo de maneira correta e aplicada.

Quadro 10 – SOCIOGRAMA - C5

C 5	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
<i>C1</i>	*			O	
<i>C2</i>					
<i>C3</i>			O		
<i>C4</i>	X O				
<i>C6</i>		XX	OO		
<i>C7</i>			X	X	
<i>C8</i>					
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1		OOO	O	OOOOO	
Acadêmico 2				X OO	
Acadêmico 3	OO	O		OO	
Acadêmico 4					
Acadêmico 5				O	
Acadêmico 6				X OO	
Acadêmico 7		O	O	OOOOOO	
Acadêmico 8	XXXX O	X OOO	XX O		
Acadêmico 9	OO	O	OO	OOOOOO	
Acadêmico 10	XX O	X OO		X O	O
Acadêmico 11	X O	OO		O	
Acadêmico 12	O	OO	OOOO	OOOOOO	
Acadêmico 13			OO		

Legenda:

FOI PROCURADO = “X”

PROCUROU = “O”

AUSENTE= “ * ”

Na A1, C5 começou sendo o lobo que pegaria o último pintinho da fila, que era o acadêmico 3. C5 correu atrás do “pintinho”, mas nunca o pegava, mesmo estando ao seu alcance. Só fez isso quando o acadêmico 3 disse para pega-lo.

Na A2 também se candidatou em começar, sendo o gavião. Enquanto corria atrás de todos, fazia gestos de assustar os pintinhos, com os braços abertos e gritando: “Ahhh”.

Na A3 participou sem tentar tomar muito a liderança, só deu a ordem de “silêncio” para a turma uma vez.

A A4 foi sem dúvida a mais divertida para o C5. Era ao som de música sertaneja (o seu gênero preferido) em que todos deveriam dançar. Foi a atividade que C5 mais interagiu com os acadêmicos, principalmente com as meninas em que ele chegava não só para conversar como sempre faz, mas também para dançar. Quando tocou uma música conhecida sua C5 se “soltou” dançando muito e cantando mais alto que o aparelho som. Demonstrando grande empolgação, interação e alegria nesta atividade.

A última atividade foi uma antiga conhecida de C5. Mas pode-se observar pouca coordenação motora na gesticulação da música do crocodilo. Enquanto a turma cantava e gesticulava a música, C5 as vezes olhava para o lado, chegou a olhar a hora no relógio de pulso.

Na A1, C6 foi o “personagem” que animou o seu grupo. Quando era o lobo que deveria pegar os pintinhos saía correndo e gritando atrás dos colegas e se jogava por cima deles.

Quando iniciou a A2 e a C1 entrou na sala, C6 começou a gritar o seu nome como se fosse uma torcida. Interagiu com vários colegas e acadêmicos e participou de tudo como solicitado.

Um fato interessante na A3 foi no final da brincadeira em que todos já haviam “estourado a manada” e só havia sobrado o C6 para tentar passar para o outro lado. Quando ele se deparou com todos no meio da sala, só esperando que ele tentasse passar para pegá-lo, ficou com medo. Foi estimulado pela acadêmica 5, que tentou ajudá-lo para passar junto, mesmo assim C6 não aceitou e continuou paralisado olhando todos. O C5, também tentou ajudá-lo dizendo que ele poderia passar ali do lado dele. Mas nem assim ele quis e disse que se fosse eles iriam pega-lo. A solução para finalizar e descontraí-lo foi todos correrem em sua direção e lhe dar um abraço. Assim C6 foi pego, se descontraiu e ficou divertido.

Quadro 11 – SOCIOGRAMA - C6

C 6	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
C1	*	O		OOOOOOO OOOOO	
C2					
C3		O	X	XX O	
C4				OO	
C5		OO	XX		
C7	X OO			O	
C8	O	O		O	
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1	XX	XXXX OO	XXXX	XXXXX OO	
Acadêmico 2		O			
Acadêmico 3				X OO	O
Acadêmico 4					
Acadêmico 5			X	X	X
Acadêmico 6	XX O	O		X	
Acadêmico 7		O		O	
Acadêmico 8		O	XXX OOOO	X O	
Acadêmico 9		OO			
Acadêmico 10	XXXX	XX		O	X
Acadêmico 11		X		X	
Acadêmico 12	O	O		O	
Acadêmico 13		O		O	

Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”

Na A4 dançou bastante. Tirava as meninas para dançar. Dançou um pouquinho com a C4 que em seguida fugiu para a acadêmica 13, muito envergonhada. Mas com quem ele

se passou e insistiu mesmo foi com a C1. Ele a buscou por doze vezes. Em dois momentos chegou até C1 e beijava sua cabeça e fazia carinho, nos outros momentos a abraçava e tentava dançar com ela a todo custo. C1 fugia. Mas mesmo assim C6 continuava insistindo. Parava um pouquinho e depois ia novamente atrás de C1.

Quadro 12 – SOCIOGRAMA - C7

C 7	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
<i>C1</i>	*		X		
<i>C2</i>			O	OOO	
<i>C3</i>					
<i>C4</i>				OOOO	
<i>C5</i>			O	OOO	
<i>C6</i>	OOO			X	
<i>C8</i>	O			O	
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1	X O	XX O	OO	OOO	
Acadêmico 2			O	OOOOOO	
Acadêmico 3		OO		OOO	
Acadêmico 4					
Acadêmico 5			O	OO	
Acadêmico 6	XX OO	OO		X OOOOOO	
Acadêmico 7				O	O
Acadêmico 8			X O		
Acadêmico 9	X OOO	X OOO	OOO	XXX OO	OOO
Acadêmico 10	XXXXXXXX X	XX OO	XXXX OO		
Acadêmico 11				OOO	OOO
Acadêmico 12	O	OOOOOO	OOO	XX OO	X OO
Acadêmico 13	O			OO	

Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”

Na última atividade não se pôde observá-lo por ele ter ficado fora de foco. Só se pode afirmar que ele participou porque estava sentado junto aos demais no círculo, mas não foi possível visualizar se C6 realizou a gesticulação e se cantou a música do crocodilo.

Na A1, C7 foi muito procurada pela acadêmica 10 devido a sua dispersão, por ser o início e querer falar com todo mundo, por isso a acadêmica 10 chamava sua atenção para as explicações da atividade. Enquanto isso C7 fazia movimentos de agachar e levantar, como se imitasse um sapo. Também fazia movimentos com os braços como de um pássaro voando. Na brincadeira passou por todos os papéis, o de lobo, de galinha e de pintinho também. E também imitou o que C6 fez, quando foi a sua vez de ser o lobo. Jogou-se em cima de todos.

Na A2, a medida que o acadêmico 8 explicava, ela imitava o que ele falava. Quando ele falou no gavião, ela imitava o gavião com os braços, quando ele falava que para se proteger do gavião deveriam se abaixar e por as mãos na cabeça, C7 fazia isso na acadêmica 9 e depois concluiu com um beijo em sua cabeça. Também beijou a cabeça da acadêmica 12 que também estava próxima. Nesta atividade a C7 “elegueu” como sua parceira a acadêmica 12, pois a procurou por seis vezes e passeou pela sala grande parte do tempo com ela e a acadêmica 9.

Na brincadeira de Estourar a Manada C7 ainda estava próxima da acadêmica 12 e da acadêmica 9, e quando foi pega e passou a ser também pegadora, na primeira oportunidade pegou a acadêmica 9 para que ficasse próxima a C7. Fora isso, quando estava fugindo dos pegadores, C7 passeava e cutucava os outros.

Na A4 ocorreu parecido com o C5. A C7 só não exagerou nas cantorias. Mas dançou muito. C7 rodava pela sala, saltitava, andava por todos os espaços cutucando os colegas, fazendo carinho e as vezes parando e falando algo próximo do ouvido de alguém. A C7 estava contente nesta atividade, dançando num mundo dela, mas sem se dispersar dos que estavam ao seu redor.

A música do Crocodilo também é bem conhecida da C7. Percebeu-se que ela dispersava com facilidade, quando alguém andava pela sala, ou abriam a porta e também por interagir com as pessoas que estavam ao seu lado. C7 fazia os movimentos mas não ia até o fim em si mesma. Quando era o “gato”, o “rato”, ela começava fazendo nela e terminava fazendo os gestos do gato e do rato nos que estavam ao seu lado. Nesta ocasião as acadêmicas 9 e 12.

Quadro 13 – SOCIOGRAMA - C8

C 8	A1 O LOBO E OS PINTINHOS	A2 PINTINHO NO TELHADO	A3 ESTOURO DA MANADA	A4 DANÇA DOS “STEPS”	A5 MÚSICA DOS ANIMAIS
<i>Crianças</i>					
C1	*				
C2				O	
C3		O	X	XX	
C4					
C5					
C6		X		O	
C7	X				
<i>Acadêmicos</i>					
Acadêmico 1		XX			
Acadêmico 2			O	X O	
Acadêmico 3		XX		O	
Acadêmico 4					
Acadêmico 5	X			X	O
Acadêmico 6	OO	X OOO		OO	O
Acadêmico 7		X		X	
Acadêmico 8		X	XX		
Acadêmico 9	X			XX	
Acadêmico 10	XX OO	XX		X O	
Acadêmico 11			O	X	
Acadêmico 12				O	
Acadêmico 13					

Legenda: FOI PROCURADO = “X” PROCUROU = “O” AUSENTE= “ * ”

A C8 chegou com o C3 quando já estava acontecendo a primeira atividade. Por C8 ser uma menina muito atenciosa nas explicações, observadora e dedicada, não há tanta procura por ela como se observa no sociograma.

Sua limitação é em arrastar-se pelo chão por não poder andar, mas consegue realizar tudo que é proposto. Seu sociograma é bem equilibrado, e sua procura maior foi pela acadêmica 6 que estava mais próxima a C8 durante a aula. Durante as atividades, a cada oportunidade C8 fica conversando, mas não perde a atenção da aula.

Pareceu gostar da atividade com a dança. Também dançava com os movimentos dos braços e enquanto isso conversava com a pessoa que estava sendo seu par.

Na A5, a acadêmica 10 justificou para as crianças de que estava esquecendo a música do crocodilo, então por isso iriam praticar mais uma vez. Nesta ocasião C8 disse que já sabia tudo e de cor. Então C8 puxou a música para todos a acompanharem.

C8 não tem nenhum comprometimento cognitivo e percebe-se durante a música que ela realiza perfeitamente todos os gestos, e mesmo assim consegue observar os demais do círculo que estão errando, consegue falar quem está errando e ainda continua fazendo os seus gestos sem errar, tudo isso durante a música do crocodilo.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Procurando um diálogo com a literatura, neste capítulo serão analisados e discutidos os resultados encontrados no capítulo anterior.

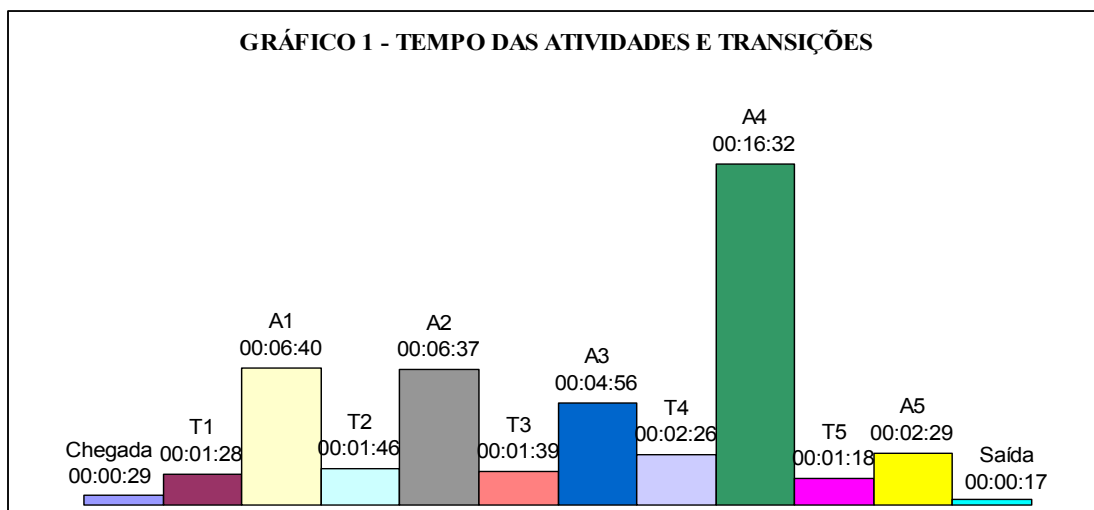
Primeiramente serão analisados e discutidos, por meio de gráficos, os dados referentes aos Tempos utilizados durante a sessão de atividade motora adaptada; em seguida serão analisados os gráficos referentes ao Comportamento Motor de cada criança e o desempenho na totalidade da aula; e para finalizar, o Comportamento Social será analisado através das relações interpessoais de cada criança, durante cada atividade e as relações consideradas mais importantes em cada criança e cada atividade.

5.1 O tempo real, o tempo aproveitado e o tempo desperdiçado

O tempo máximo de cada sessão de atividade motora adaptada desta pesquisa é de 1 hora. O tempo em que as crianças ficaram em atividades foi de 38 minutos e 14 segundos. O tempo de transição de toda aula foi de 8 minutos e 23 segundos. Seu tempo total de filmagem foi de 46 minutos e 37 segundos, ou seja, o tempo total da aula. Logo, pode-se considerar que a partir dos 46min. e 37 seg. até chegar em 1 hora, que houve um desperdício de tempo, de 13min. e 23seg.

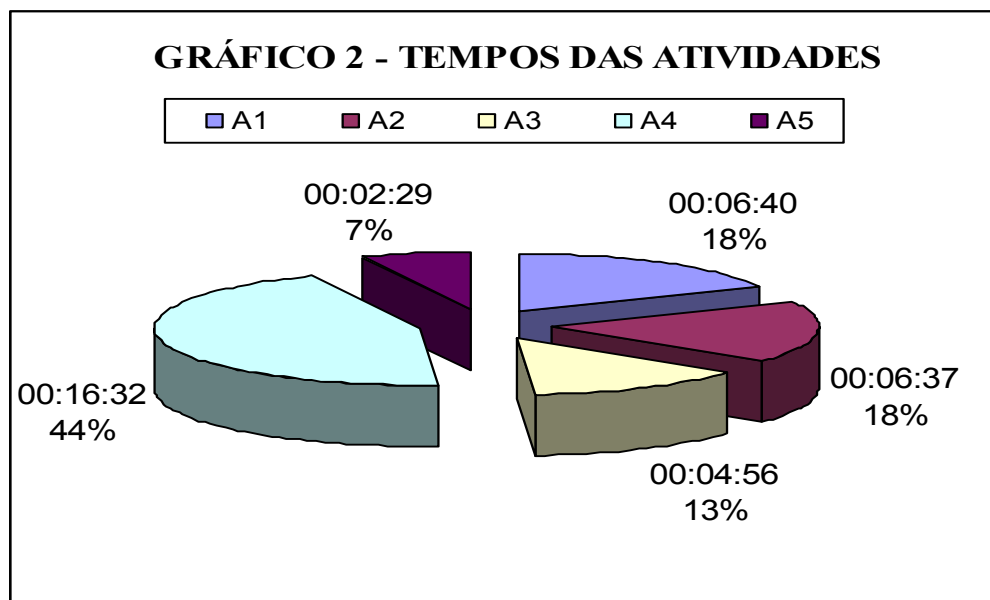
A sessão ministrada teve todos os seus momentos observados, minuto a minuto. E através da utilização da matriz do tempo (Anexo A), pôde-se chegar a alguns resultados a serem analisados, conforme o gráfico que segue:

De acordo com o gráfico 1, percebe-se uma grande disparidade de tempo aproveitado, principalmente durante as atividades. A atividade 4 contrasta com a atividade 5. Nesta, a duração foi pequena comparada à duração das outras, devido ao seu real objetivo, que é de volta à calma, de forma lúdica e tem sua duração pré-determinada. Por se tratar de cantar e gesticular uma música, esta atividade durará o tempo necessário até que se chegue ao final da mesma.



A atividade 4 teve maior tempo de duração, de acordo com seus objetivos e materiais utilizados. Por utilizar música e se tratar de dança, teve seu tempo elevado, pois o fator tempo neste caso não era percebido.

Para Frug (2001, p.40) “orientar-se no tempo é situar o presente em relação a um ‘antes’ e a um ‘depois’, e distinguir o rápido do lento. O ritmo é um fator de estruturação temporal que favorece a adaptação do indivíduo ao tempo”. A música envolveu a todos, e para chegar ao final da brincadeira era necessário que fossem utilizadas músicas repetidas vezes. Tornando-se a atividade mais duradoura desta sessão de atividade motora.

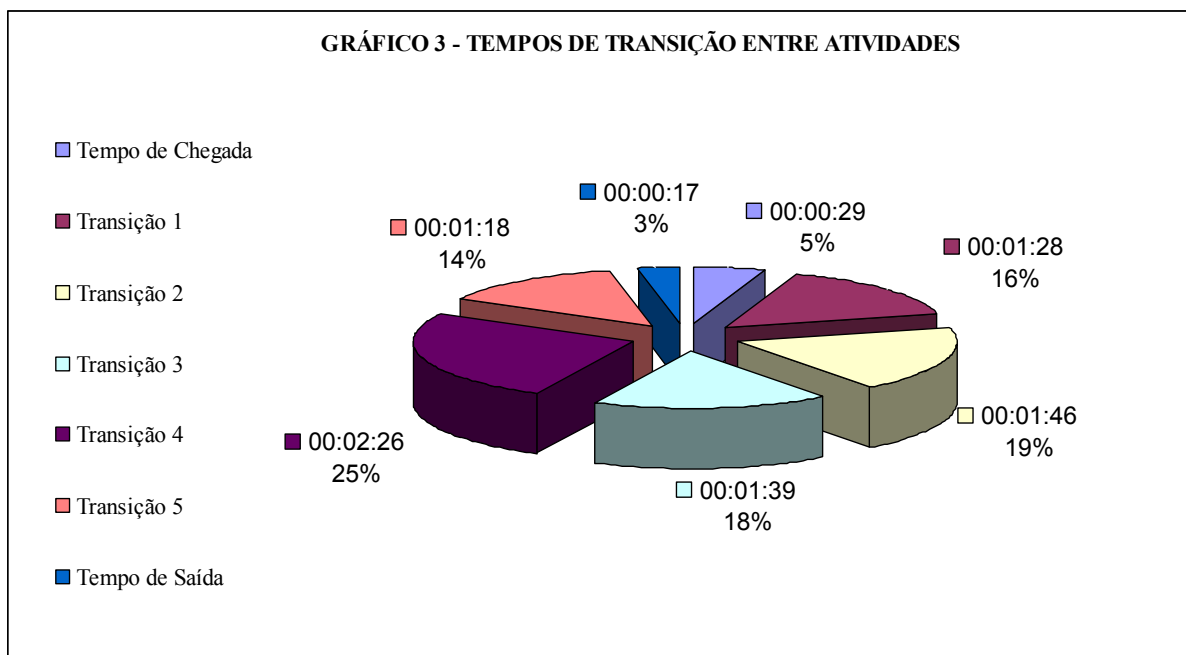


O gráfico 2 mostra de maneira detalhada, quanto tempo teve de duração cada atividade, e nos mostra, que a atividade 4, teve duração de quase a metade do tempo utilizado em atividades, com 44% de duração.

As atividades 1, 2 e 3 se equivaleram quantitativamente ao tempo de duração de cada uma.

Não havia intenção de que as atividades fossem cronometradas para que houvesse equilíbrio de tempo. Mas a idéia era de que todos interagissem e com isso, quando fosse percebida boa participação e interação de todas as crianças a atividade seria encerrada, claro que respeitando a vontade delas de estar se tornando repetitiva ou não. Apesar de não haver preocupação com o tempo da atividade e sim de seu aproveitamento, a atividade 4 teve grande quantidade de tempo de duração, comparada às demais, e também teve bom aproveitamento; enquanto a atividade 5 teve pequena duração, mas também teve seu bom aproveitamento que era o seu objetivo.

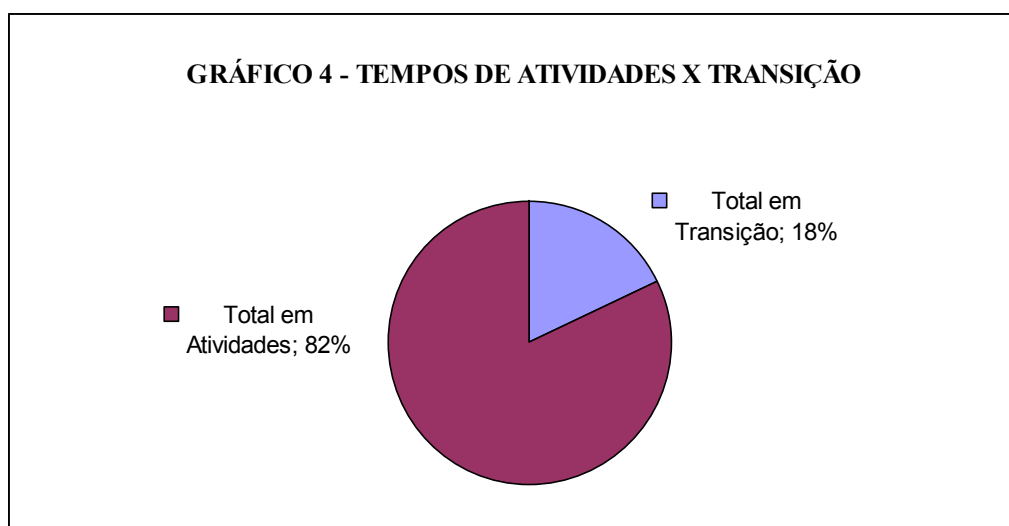
Entre uma atividade e outra, há o momento de preparação de materiais (que já deverão estar no mesmo local onde a aula será dada), e de dar as explicações às crianças, sobre as tarefas que se seguirão. Este tempo é contado como tempo de transição entre atividades, como está descrito no gráfico 3 com os tempos decorridos em minutos e segundos e o valor percentual, calculados somente com os valores dos tempos transitórios.



O gráfico mostra que a transição mais duradoura foi a “transição 4”. Esta equivale ao tempo da atividade que a seguirá, que é a atividade 4, também mais duradoura. Nesta situação, sua demora foi por necessitar de preparação de aparelho de som e as faixas de música selecionadas para este momento e também, para a distribuição dos “steps” que foram utilizados para a atividade da “dança dos steps” e o tempo de explicação aos alunos.

Se o gráfico 3 for analisado pela categoria de percentual de transição, que mostra um valor de 25% pode parecer algo extraordinário, mas esse valor é o calculado somente com os tempos de transição, e não da aula inteira. E ao analisar o tempo em minutos e segundos, percebe-se que esse tempo transitório foi de apenas 2 minutos e 26 segundos, o que é razoável para as preparações que nestes momentos ocorreram.

O gráfico 4, mostra exatamente a diferença ocorrida do tempo em atividade e do tempo transitório durante todo o período da sessão ministrada.



Como observado acima, foram aproveitados em atividades 82% de toda a aula filmada, e 18% foram de momentos registrados como transição.

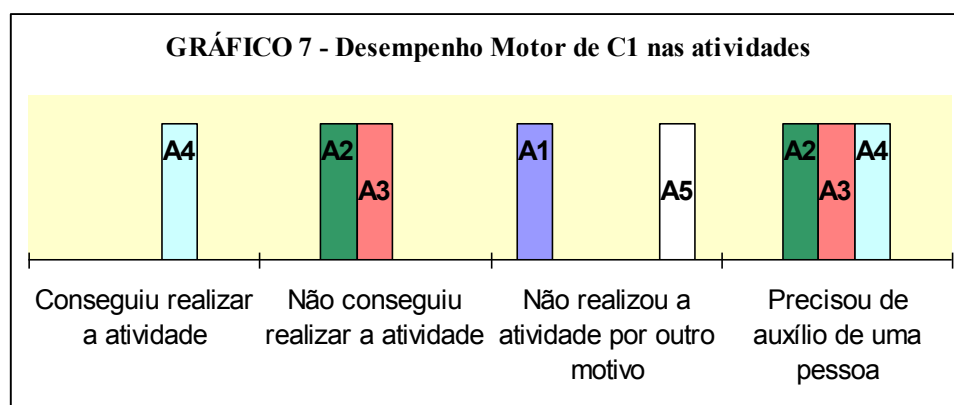
De maneira simples e direta o gráfico 5, mostra quanto durou em minutos e segundos, a transição total, atividades e a duração total da aula, a partir dos dados coletados através da filmagem.

Para verificar este tipo de comportamento, foram utilizadas para análise as 12 categorias existentes na Matriz de Análise do Comportamento Motor (ZUCHETTO, 2001). (Anexo B).

Observa-se que das 12 categorias possíveis para análise, foram assinaladas somente 9 categorias, para as oito crianças. As categorias não mencionadas acima são: “precisou do auxílio de um objeto”, “dificuldade em caminhar” e “dificuldade em saltar”. Isso significa que nenhuma das crianças sentiu necessidade de algo que as auxiliasse a suprir as necessidades não mencionadas no gráfico 6. Das oito crianças analisadas, quatro delas possuem dificuldades em caminhar, dificuldade de saltar e das quatro, duas precisam de ajuda de algum objeto, como cadeira de rodas e/ou muletas. Mas no desenvolver das atividades não demonstram nenhuma dessas restrições, realizando as tarefas cada um a sua maneira, mas sem prejudicar o desenvolvimento da aula e os seus.

Observa-se que das 8 crianças, 6 conseguiram realizar todas as atividades; somente 3 crianças precisam de auxílio de uma pessoa em algum momento da aula; apenas uma criança teve dificuldade em sentar-se e levantar-se; 1 criança não conseguiu realizar algumas atividades; 1 criança apresentou dificuldades em ficar de pé e sem apoio; 2 crianças apresentaram em algum momento dificuldade de equilíbrio.

As situações específicas serão analisadas a seguir com os gráficos do desempenho motor de cada criança participante desta pesquisa.



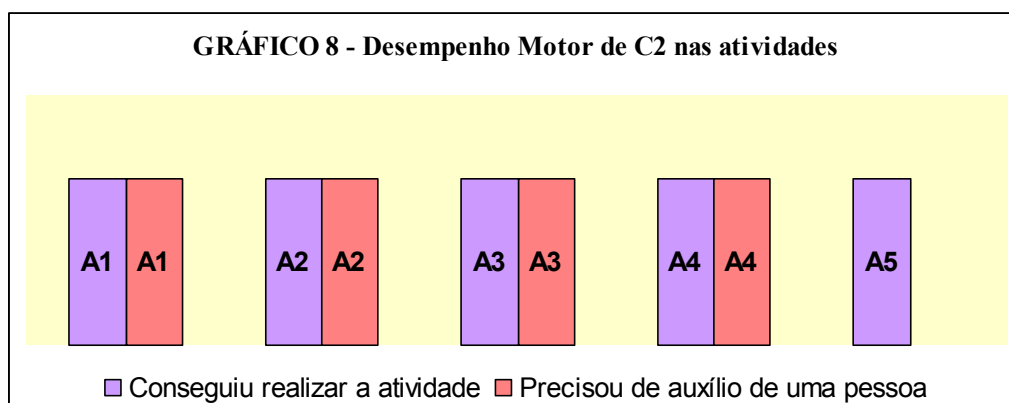
Como mostra o gráfico 7, a A1 e A5 estão na categoria “não foi realizada por outro motivo” por C1 ainda não estar presente na aula. Não sendo esta não realização de atividade, motivo de comprometimento motor.

Por C1 ser portadora de síndrome de down, naturalmente costuma agir com teimosia e realizando somente o que tem vontade. As atividades 1 e 2 estão caracterizadas como “não conseguiu realizar” por C1 se negar em todos os momentos de fazê-las e assim permanecia pela sala, mesmo feliz e sorrindo, mas sem atender o que lhe era solicitado. Por isso nas atividades 2, 3 e 4, aparece como “precisando de auxílio de outra pessoa”, pois

somente com a busca dos acadêmicos para convidá-la e ajudá-la a participar das atividades é que ela participa em algum momento. Foi o que aconteceu na A4.

A busca dos acadêmicos fez com que C1 participasse de parte da A4, com dança. E Frug (2001, p.45) confirma o que foi realizado na A4 quando afirma que “a criança portadora da síndrome de down deve ser estimulada como qualquer outra”.

Todas as atividades propostas estavam de acordo com suas possibilidades e não haveria necessidade de realizar nenhuma adequação para incentivar ou facilitar a realização das atividades por C1. As dificuldades encontradas são em seu comprometimento intelectual, e em função de sua síndrome, possuir um grau maior de teimosia.

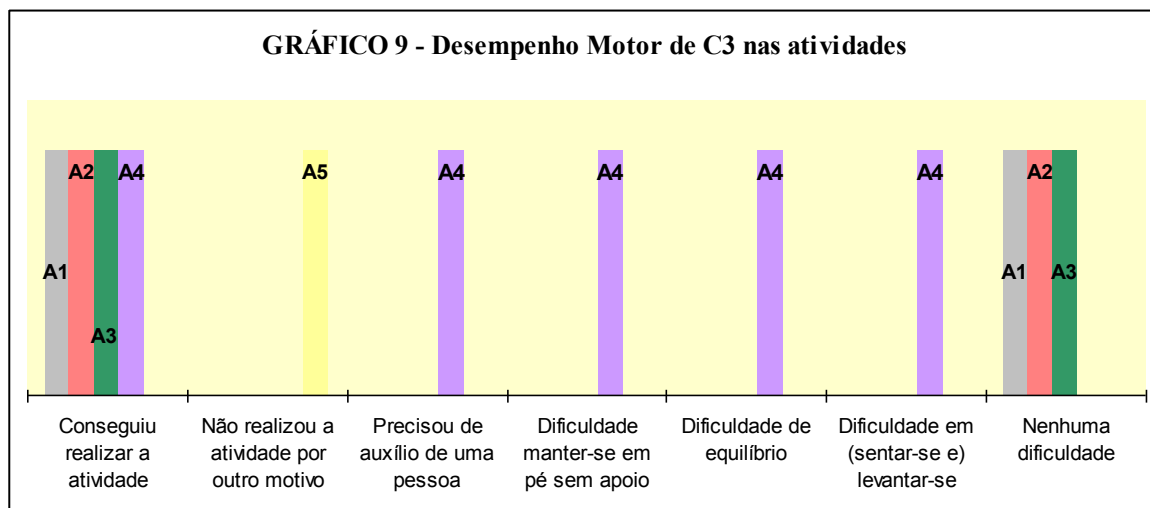


Como mostra o gráfico 8, C2 “conseguiu realizar todas as atividades”, mas da A1 até a A4 “precisou de auxílio de outra pessoa”. O auxílio foi estar sempre no colo de alguém. A última atividade foi a única em que foi realizada somente por C2.

C2 tem apenas 2 anos de idade e tem deficiência física, conhecida como mielomeningocele, que o impossibilita de caminhar e assim ele só consegue arrastar-se pelo chão para realizar o que é proposto.

Por ser muito jovem em idade e muito pequeno para as demais faixas etárias que freqüentaram esta aula, a adequação necessária a C2 era que ele ficasse sempre no colo de alguém, que realizava as atividades com C1. Pois, mesmo se o colocassem no chão para tentar acompanhar os demais, poderia acontecer algum acidente, como nas brincadeiras de correr, em que alguém poderia pisá-lo.

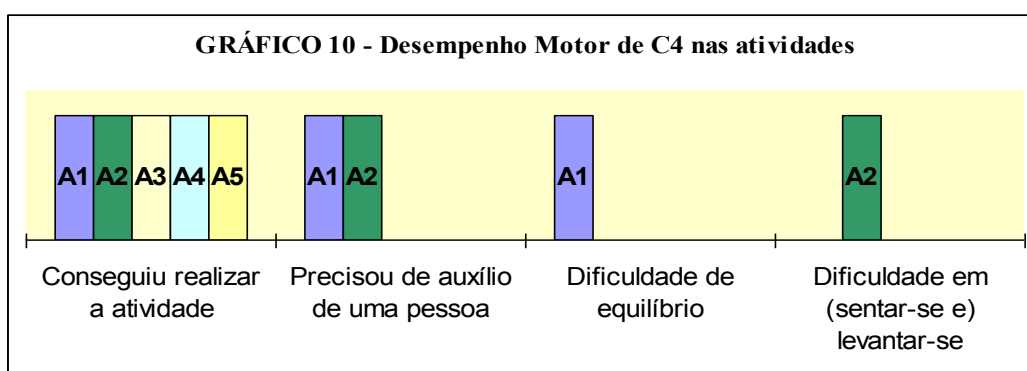
A A5 foi possível para que C2 realizasse sem auxílio e nenhuma adequação por colocarem-se em círculo e sentados, tornando-se possível para ele realizar sozinho.



Como podemos observar no gráfico 9, C3 conseguiu realizar sem nenhuma dificuldade as A1, A2 e A3.

Por C3 ter deficiência física, mielomeningocele, tem restrições para caminhar sem muletas. Como C3 participa da aula, sem utilizar nenhum auxílio de objeto, faz todas as suas movimentações engatinhando e arrastando-se pelo chão. A4 foi mais complicada para C3 realizar, porque tentou algumas vezes ficar de pé para dançar, e solicitou ajuda de acadêmicos por várias vezes. Esta atividade já estava justamente adequada às necessidades de C3, por não conseguir ficar de pé, por isso os steps no chão ao invés de cadeiras. Mas houve grande insistência de sua parte para tentar ficar de pé, segurando nas mãos de sua dupla para poder dançar. Por poucos segundos C3 conseguia ficar de pé, mas em todas as tentativas ele caía depois. Ao assistir o vídeo pode-se observar o seu grande esforço para conseguir acompanhar a sua dupla na dança. Ao observar seu gráfico de desempenho motor, C3 aparece na A4 “precisando de ajuda”, “com falta de equilíbrio” e “dificuldade de levantar-se”. Ainda assim, com suas tentativas, conseguiu realizar a atividade, a sua maneira.

A A5 não foi realizada por não se fazer mais presente.

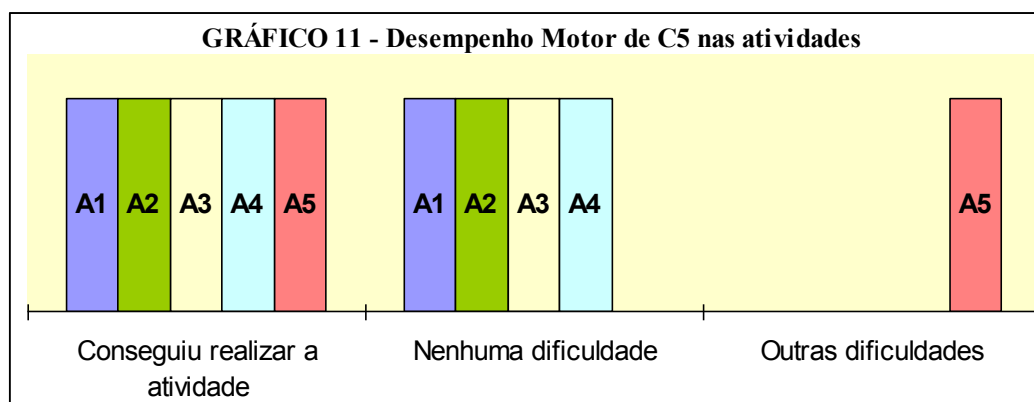


Ao observar o gráfico 10, verifica-se que C4 conseguiu realizar as 5 atividades propostas. Suas únicas dificuldades durante a A1 foi dificuldade de equilíbrio e precisar de ajuda de outra pessoa. Algo que é totalmente relevante, mesmo para pessoas sem nenhuma deficiência, pois a A1, era de todos ficarem em filas, como se fosse um “trenzinho”, todos segurando um no outro, porque o “lobo” tentaria pegar o “pintinho” que era o último da fila. Como todos deveriam ajudar a “defender o último pintinho da fila”, houve grande movimentação de todos, por isso, percebeu-se seu desequilíbrio e necessidade de auxílio de alguém a segurando.

A A2 era uma forma lúdica de brincar de pegar. A maneira de defenderem-se do “gavião” seria se abaixando e pondo as mãos na cabeça. C4 precisou de ajuda de outra pessoa para sentar-se e levantar-se nas horas de fugir do “gavião”.

Na A4, C4 foi muito bem estimulada fisicamente pela acadêmica que a acompanhava. Ela fazia diversos movimentos com os braços, pernas, mãos nos joelhos, de se abaixar levemente, tudo com movimentos de dança e de habilidade motora global, fazendo com que C4 a copiasse e se movimentasse bastante na atividade. Ao final desta atividade C4 demonstrou ter ficado com calor devido a grande movimentação.

Seu comprometimento é físico e intelectual, devido à Paralisia Cerebral. Tem dificuldades na fala e suas limitações físicas são pequenas, tornando-se possível que realize todas as atividades, necessitando de alguma adequação, somente de auxílio de alguma pessoa para atividades que exijam corridas ou, sejam muito rápidas.

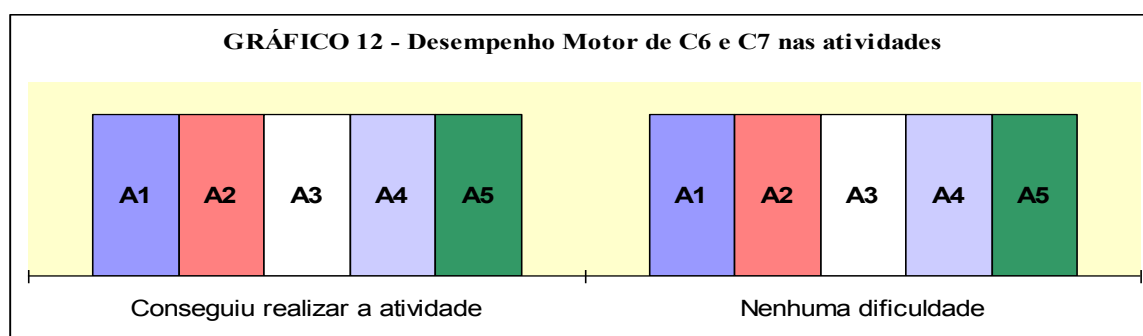


O gráfico 11 mostra que C5 conseguiu realizar todas as atividades. E que até a atividade 4 foi tudo realizado sem nenhuma dificuldade.

Ao realizar a A5 uma antiga conhecida de C5, teve como dificuldade a má coordenação motora para fazer os gestos da música e falta de atenção em alguns momentos, mas não interferiu de ir até o fim na brincadeira.

C5 tem comprometimento intelectual, Autismo do tipo Asperger. Mas realiza todas as atividades sem restrições e sem problemas. Não necessita de adequação para a realização das atividades.

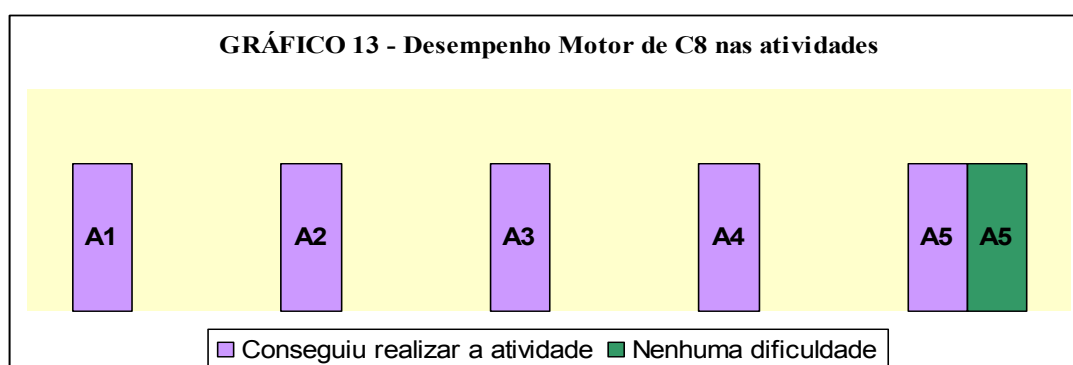
Gauderer (1992, p.171) justifica as dificuldades ocorridas com C5 na última atividade, quando afirma que “o desenvolvimento motor é normal ou atrasado sendo que, diferentemente do que ocorre na maioria das crianças com Autismo clássico, os pacientes com a síndrome de asperger são desajeitados e apresentam dificuldades psicomotoras óbvias”.



O gráfico 12, apresenta duas crianças, por terem apresentado o mesmo quadro de análise motora. C6 e C7 desempenharam todas as atividades sem nenhuma restrição ou qualquer dificuldade.

A criança C6 tem deficiência física, problemas relacionados ao crescimento e atrofia muscular, mas não demonstrou necessitar de adequações para a realização de nenhuma atividade.

A criança C7 tem comprometimento intelectual, mas nenhum, para realizar as atividades. Não demonstra necessitar de adequações para a realização das atividades.



Como o gráfico 13 mostra C8 foi até o fim em tudo que realizou. Da A1 até A4, por exigir desempenho físico C8 realizou tudo de acordo com as suas possibilidades. Na hora de correr engatinhava e de dançar, usava os movimentos dos braços.

Na A5 que envolve atenção, C8 se destacou. Puxou a música, cantou, gesticulou e ainda percebeu os que erraram. Tudo isso enquanto acontecia a brincadeira. O que mostra o seu perfeito desempenho cognitivo.

C8 tem deficiência física, mielomenigocele, e para movimentar-se pela sala precisa engatinhar. Algumas adequações são necessárias para sua participação ativa em todas as atividades. A A4, que seria dança das cadeiras cooperativas, foi adaptada às possibilidades de C8 e das outras crianças que possuem a mesma deficiência. Por isso, a A4 passou a ser dança dos “steps” e cooperativa também, porque os steps são baixos, e todos tem possibilidades de subir neles.

Algumas atividades quando são de jogos competitivos, recomenda-se que seja adequado a C8 e demais com sua mesma deficiência. São feitas no chão, com todos na mesma situação, crianças e acadêmicos, competindo engatinhando.

5.3 As relações interpessoais durante as atividades

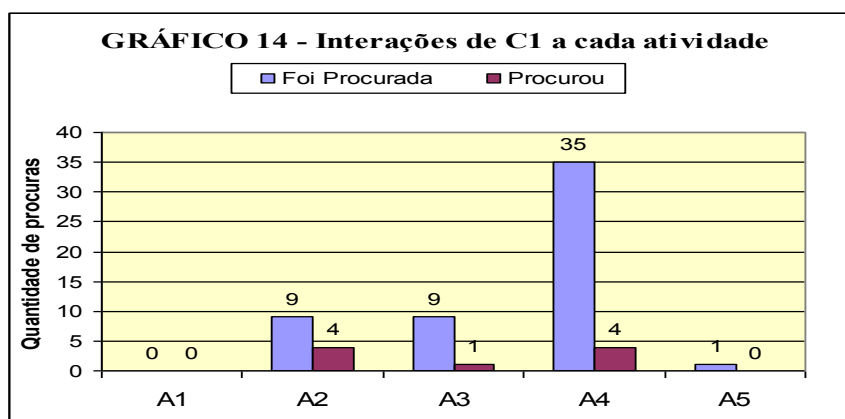
A partir daqui, analisamos e discutimos as relações interpessoais das crianças, ocorridas durante todo o tempo observado, como a procura pelos colegas e pelos acadêmicos.

Para verificar este tipo de comportamento foi utilizada a Matriz de Análise do Comportamento Social - os Sociogramas (ZUCHETTO, 2001). (Anexo C)

Para confeccionar os gráficos para análise, foram feitas as contagens de vezes que cada criança foi procurada e procurou por alguém, entre elas e entre os acadêmicos.

Inicialmente encontram-se os gráficos utilizados para análise e discussão do desempenho de cada criança, e a seguir serão apresentados gráficos para análise global das relações interpessoais durante esta sessão de atividade motora adaptada.

Para Nicolau (2000), há relações afetivas, psicomotoras e cognitivas em jogo no dia-a-dia da criança. Se focalizarmos seu desenvolvimento, do nascimento aos primeiros anos de vida, veremos que surpreendente os progressos que ela avança. O fato é que a criança vai construindo o seu conhecimento a partir de objetos, de situações vivenciadas com pessoas e, ao mesmo tempo, vai, gradativamente, tornando-se mais socializada.

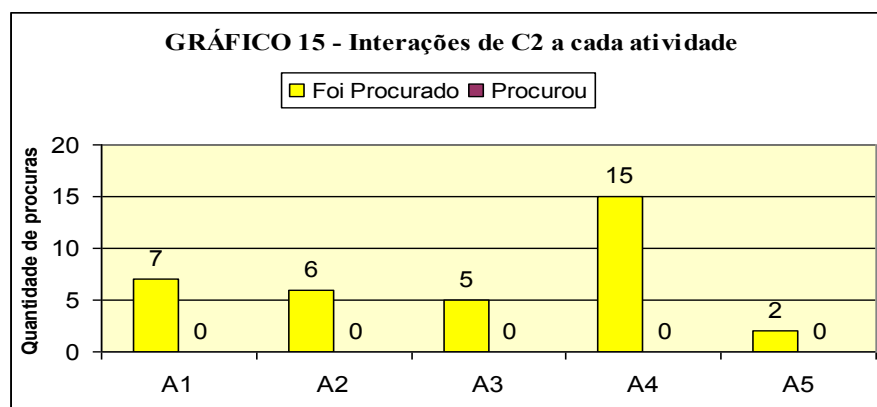


Ao observar o gráfico 14, percebe-se a ausência da criança C1 na A1. Sua participação na aula é limitada à sua vontade. Há sempre um acadêmico tentando incentivá-la a participar das atividades, como mostra o gráfico na A4, uma busca de 35 vezes por C1 para incentivá-la na participação. Na qual foi a única atividade em que houve uma pequena participação sua.

Como está descrito acima, nas A2, A3 e A4, houve pequena procura de C1 por outras pessoas, e estas procuras se restringiam em alguns momentos de parada na frente de alguma criança ou acadêmico a que era dirigido um sorriso.

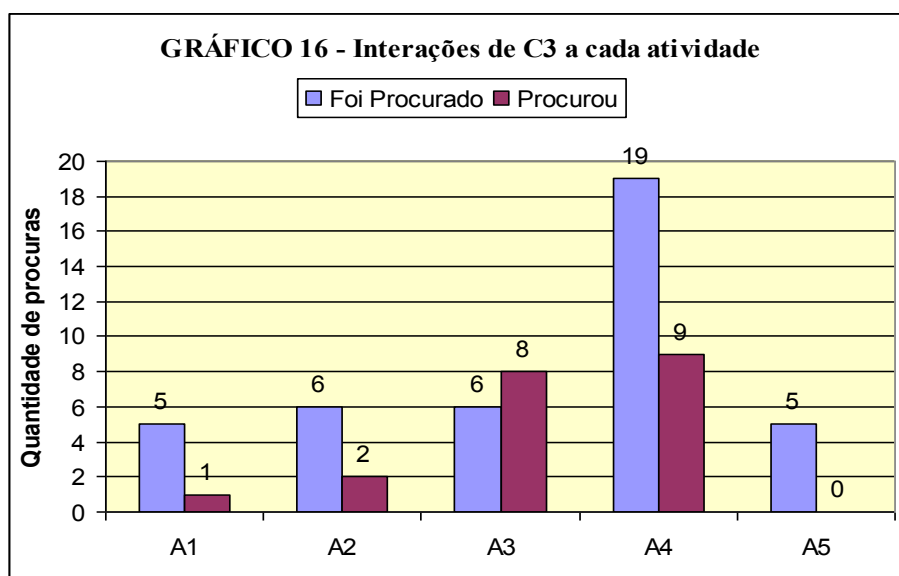
O portador de síndrome de down possui dificuldades de adaptação social; atraso no desenvolvimento mental e motor; crescimento físico lento, cessando numa idade mais precoce, causando dificuldade no aprendizado e lentidão na realização de novas propostas (SHERRIL, 1986).

A maior parte de sua presença na aula foi de circular pelo espaço, parar e observar a todos e esboçar sorrisos. Não realizou a maior parte das atividades, corria de um lado a outro em atividades de correr, como os demais colegas, mas sem participar efetivamente das atividades com eles. Suas corridas eram imitativas, porém isoladas a ela mesma. C1 ausentou-se da sala na A5 e não chegou a participar desta.



O gráfico 15, mostra algo ímpar a acontecer em aulas, pois só há procuras por C2, e nenhuma procura deste por alguém.

A justificativa para os dados encontrados acima são de que, por C2 ter apenas dois anos de idade e permanecer a maior parte do tempo no colo de algum acadêmico por isso não há procura aos demais. As atividades são realizadas pelo acadêmico que está o segurando no colo e assim conta-se como se houvesse sua participação. Mas não há procura. C2 fica restrito a pessoa que o conduz e a observar os acontecimentos da aula.



O gráfico 16 mostra que exceto a A5, houve reciprocidade de procuras de C3 com os demais participantes da aula.

Na transição para a A2, C3 ficou parado prestando atenção e em silêncio ouvindo as explicações dadas pelo acadêmico ministrante. Durante a atividade, que tinha como objetivo quando um pintinho fosse pego por um gavião se tornaria gavião também, C3 sonogou quando acontecia com ele. Pela filmagem pode-se observar que ele foi pego várias vezes, devendo tornar-se gavião, mesmo assim sempre que era perguntado quem ainda era pintinho ele se passava pelo mesmo. Como ser pego era entendido por C3 como perder, não chegar até o fim ileso, ele agiu dessa forma devido a sua alta competitividade e não aceitação em perder.

Na A3 ele já estava bem enturmado e voltou a agir com deboche, teimosia e muita empolgação. Atrapalhou a explicação no início.

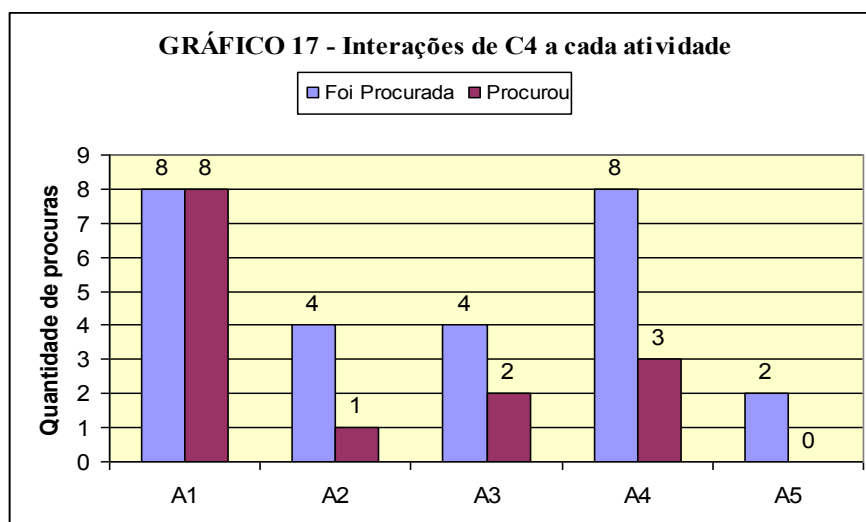
Na A4 observou-se alguns pontos importantes. Como era com dança e a medida que a música parava todos deveriam subir e ficar em cima de um step, C3 já ficava

dançando em cima do step, para garantir seu lugar quando parasse a música. E quando não estava em cima do mesmo, pegava e ficava abraçado com o step para que ninguém pegasse. Até que C3 percebesse que a atividade era cooperativa e todos sempre teriam steps para ficar, ele foi agindo dessa forma. Mais uma ação de competitividade em que ele usou de seus métodos para não “perder” na atividade.

A dinâmica do jogo em grupo permite que a criança espere sua vez de jogar e falar, compreenda ordens, respeite o direito do outro, siga normas e regras, acostumando-se a ganhar e perder em interação com o grupo, com possibilidades de criação, adaptação e transformação (OLIVEIRA, 2001).

Outro fato ocorrido foi no momento em que deveriam dançar aos pares, um acadêmico foi até C3 para dançar junto, mas não foi aceito, pois ele só dançaria com meninas.

Na última atividade C3 não se fez mais presente.



O gráfico 17 mostra que C4 interagiu em todas as atividades propostas como costuma ser em todas as aulas do solo. Na maior parte do tempo muito sorridente e em alguns outros momentos quando havia muita correria por parte dos outros participantes, ficava com a expressão facial um pouco assustada.

Na A3 também realizou tudo o que foi proposto e se candidatou a começar passando para o outro lado da sala e dar o sinal de “estouro da manada”, para que todos corresse na direção em que ela já estaria.

Segundo Silveira e Zuchetto (2002) as sessões de atividade física adaptada visam desenvolver a autoconfiança através da superação dos resultados. Pois devido ao seu atraso

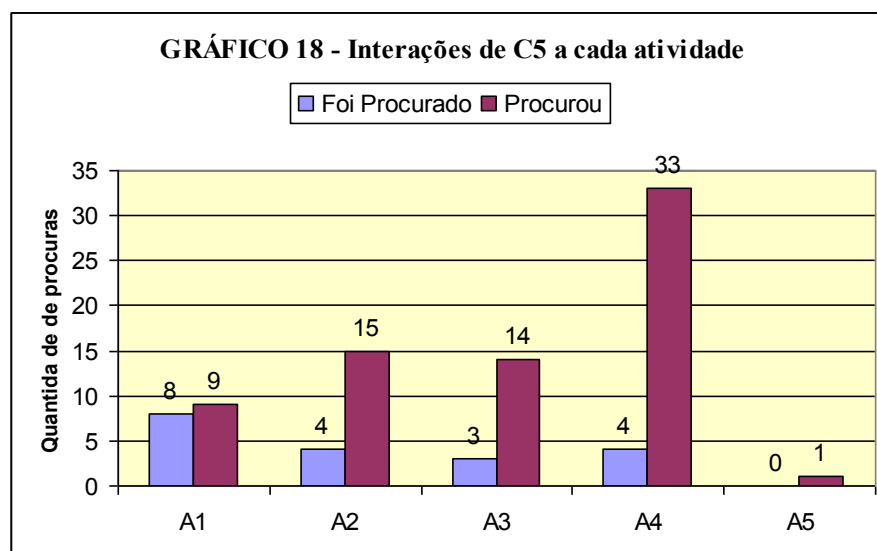
no desenvolvimento, incoordenação, lentidão de padrões motores e habilidades motoras muitas vezes os deficientes mentais deixam de realizar as atividades por se sentirem inferiores aos outros colegas.

Na A4 pareceu ser a que mais se divertiu. Sorria muito olhando os colegas dançarem e ao dançar também com a acadêmica que a acompanhava.

A A5 como em todas foi realizada por C4. Não houve procura de C4 por ninguém, por se tratar de uma atividade em que todos estariam cantando, e por C4 se aplicada em todas as atividades manteve sua participação na música dos animais sem procurar ninguém.

Olhando seu gráfico sem se restringir em atividade por atividade, e sim olhá-lo de maneira geral, observa-se que apesar de C4 ser uma criança muito sorridente e simpática, foi mais procurada do que procurou. A reciprocidade de procuras foi somente na A1. E a A5 como já mencionado não haveria necessidade de procuras.

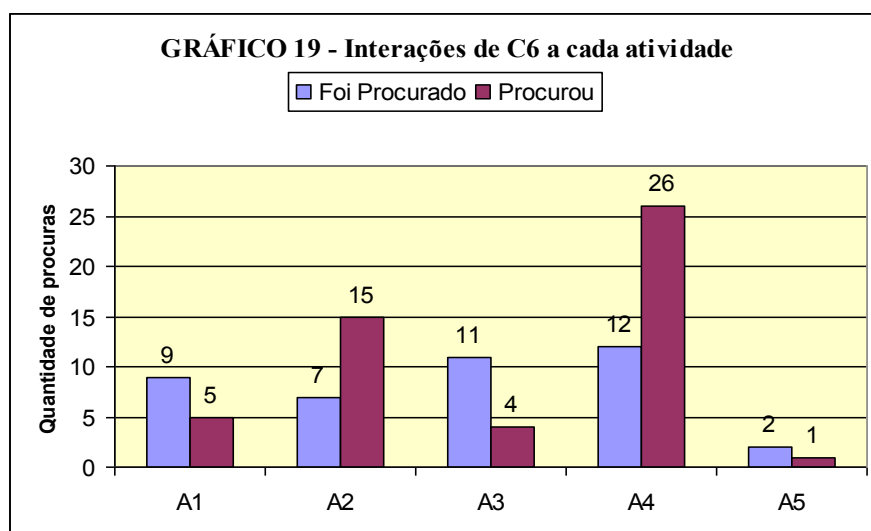
Entre as atividades A2 e A4, houve diferença de sua procura por outras pessoas, pois ela havia procurado muito pouco. Dois motivos podem ser levantados: o primeiro seria de ter estado acompanhada da mesma acadêmica da A2 até o final da aula, e por isso não procurou por outras pessoas; o segundo motivo seria da sua dificuldade na fala e poucos acadêmicos conseguem entender o que ela tenta falar, e assim, por ser muito receptiva, acaba sendo mais procurada do que procura. E na A1, sua procura foi equivalente, porque no início da aula ela vai a cada um para abraçar e cumprimentar.



A primeira vista, podemos observar no gráfico 18, o quanto C5 interage com os demais, pois suas procuras pelos colegas são drasticamente maiores do que é procurado.

Acredita-se que C5 não seja tão procurado, por ter certa autonomia na realização de todas as atividades e com isso os acadêmicos não vêm tanta necessidade de estar o auxiliando. E com isso, por C5 não estar sempre acompanhado por alguém, acaba procurando muito mais e sendo muito interativo.

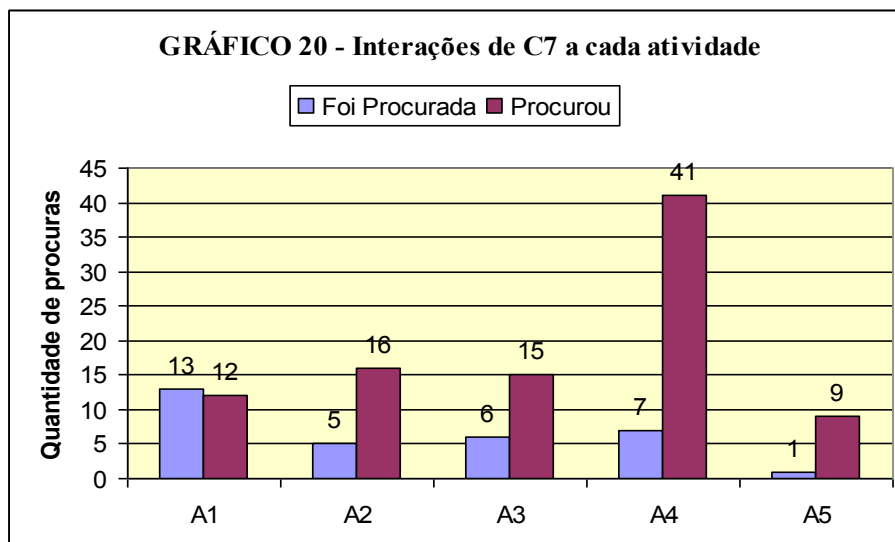
A A4 foi sem dúvida a mais divertida para o C5. Era ao som de música sertaneja (o seu gênero preferido) em que todos deveriam dançar. Foi a atividade que C5 mais interagiu com os acadêmicos, principalmente com as meninas em que ele chegava não só para conversar como sempre faz, mas também para dançar. Quando tocou uma música conhecida sua, C5 se “soltou” dançando muito e cantando mais alto que o aparelho som. Demonstrando grande empolgação, interação e alegria nesta atividade.



O gráfico 19 mostra um equilíbrio de interações de C6 durante a aula. Ao verificar das A1 até A4, percebe-se que das quatro atividades, C6 procurou pelos outros mais vezes em duas atividades, e nas outras duas foi mais procurado que procurou.

Na A1, C6 foi o “personagem” que animou o seu grupo. Quando era o lobo que deveria pegar os pintinhos saía correndo e gritando atrás dos colegas e se jogava por cima deles. Interagiu com vários colegas e acadêmicos e participou de tudo como solicitado.

Na A4 dançou bastante e tirava as meninas para dançar.



Com exceção da A1 que houve equilíbrio de procuras, observa-se no gráfico 20 que C7 procurou muito mais vezes pelos colegas, do que foi procurada.

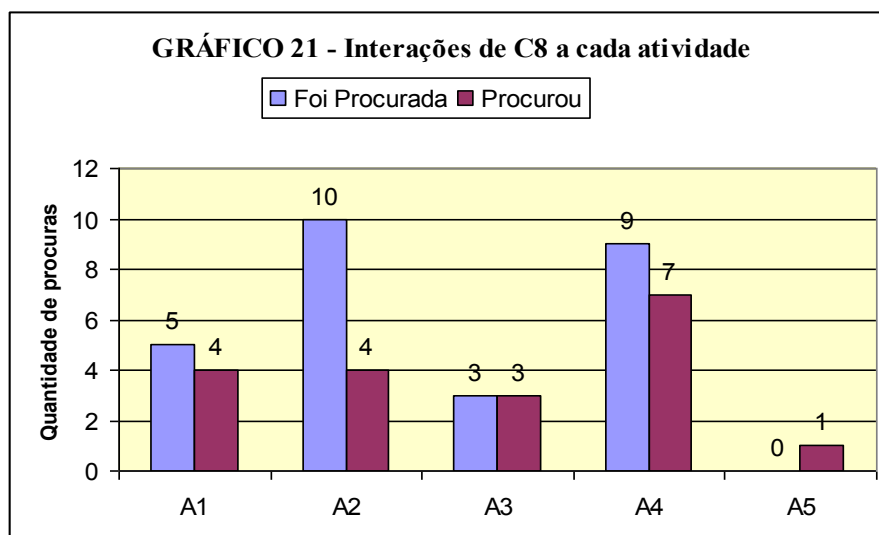
Na A1 houve equilíbrio de procuras, porque a acadêmica ministrante chamou a atenção de C7 diversas vezes devido a sua dispersão por ser o início da aula e querer falar com todo mundo, por isso era chamada a sua atenção para as explicações da atividade. Oliveira (2001, p. 63) acredita que “o jogo, utilizado como ação pedagógica, contribui em qualidade no ensino da Educação Física para crianças deficientes mentais, possibilitando aprendizagens significativas e conscientes de uma forma menos rotineira, restritiva, mecânica e reforçadora da deficiência, sendo a intervenção do professor fundamental para a promoção da aprendizagem”.

Enquanto a atividade era explicada, C7 imitava todos os movimentos que eram falados pela ministrante, como de agachar e levantar, como se imitasse um sapo. Também fazia movimentos com os braços como de um pássaro voando. Na brincadeira passou por todos os papéis, o de lobo, de galinha e de pintinho também.

Tendo como ápice o momento da A4, C7 só não exagerou nas cantorias. Mas dançou muito. Rodava pela sala, saltitava, andava por todos os espaços cutucando os colegas, fazendo carinho e às vezes parando e falando algo próximo do ouvido de alguém. C7 estava contente nesta atividade, dançando num mundo dela, mas sem se dispersar dos que estavam ao seu redor.

A música do crocodilo também é bem conhecida da C7. Mas percebeu-se que ela dispersava com facilidade, quando alguém andava pela sala ou abriam a porta, e também por interagir com as pessoas que estavam ao seu lado. C7 fazia os movimentos, mas não ia

até o fim, em si mesma. Quando era o “gato”, o “rato”, ela começava fazendo nela e terminava fazendo os gestos do gato e do rato nos que estavam ao seu lado. Como mostra no gráfico 20, o número de procuras de C7 pelos outros, ocorridos nos momentos da música em que ela deveria fazer os gestos nela e fazia, nos outros.



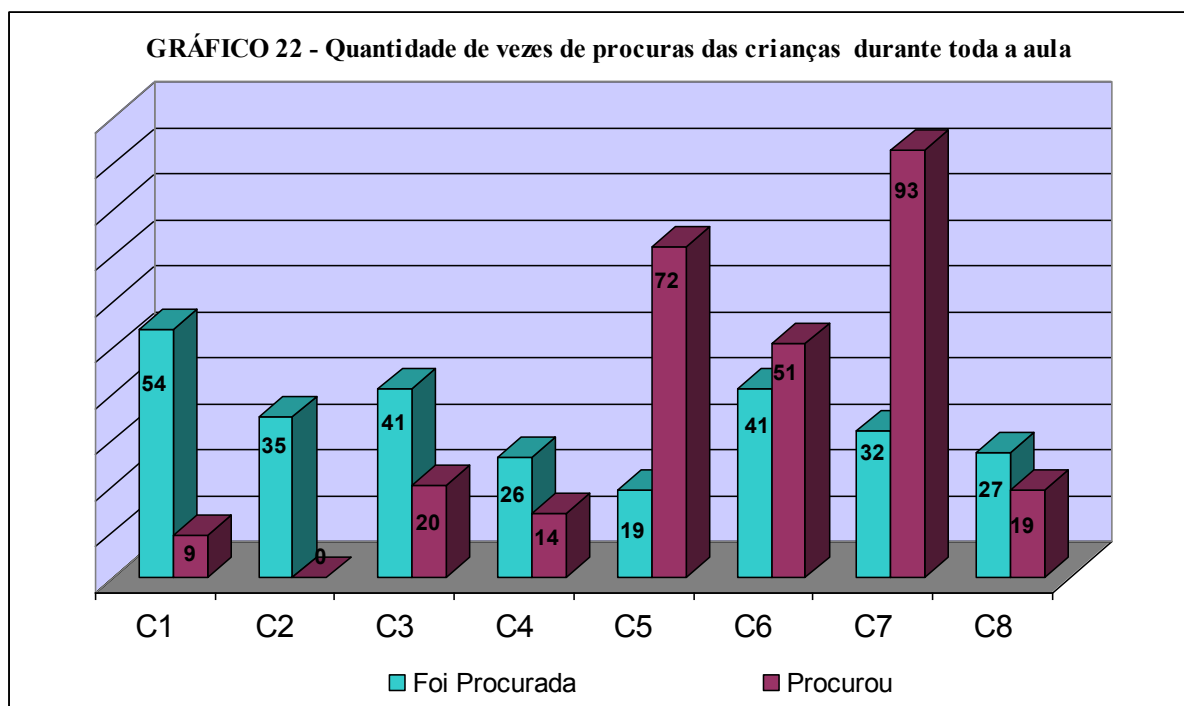
Ao observar no gráfico 21, pequenas procuras de C8 pelos outros, justifica-se por ela ser uma menina muito atenciosa nas explicações, observadora e dedicada, com isso acaba criando certa autonomia durante as aulas e executa tudo de acordo com as suas possibilidades, não deixando de realizar se for difícil e não se inibindo se não conseguir.

Sua limitação é em arrastar-se pelo chão por não poder andar, mas consegue realizar tudo que é proposto. Durante as atividades, a cada oportunidade C8 fica conversando, mas não perde a atenção da aula.

Pareceu gostar da atividade com a dança. Também dançava com os movimentos do tronco e dos braços e enquanto isso conversava com a pessoa que estava como seu par.

Na A5, a acadêmica ministrante justificou para as crianças de que estava esquecendo a música do crocodilo, então por isso iriam praticar mais uma vez. Nesta ocasião C8 disse que já sabia tudo e de cor. Então C8 puxou a música para todos a acompanharem.

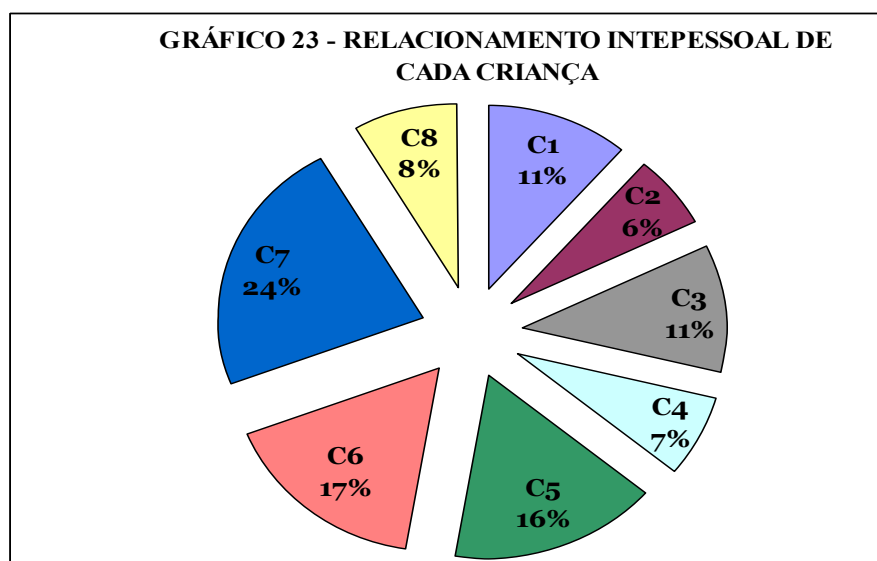
C8 não tem nenhum comprometimento cognitivo e percebe-se durante a música que ela realiza perfeitamente todos os gestos, e mesmo assim consegue observar os demais do círculo que estão errando, consegue falar quem está errando e ainda continua fazendo os seus gestos sem errar, tudo isso durante a música do crocodilo.



O gráfico 22 nos mostra num contexto geral o quanto ocorrem de trocas de interações entre as crianças com todos os participantes da aula.

As crianças C7, C5 e C6, mostram grande facilidade de comunicação e de relacionamento interpessoal com todos. Suas procuras são grandes, comparadas com todas as outras crianças da turma, que foram mais procuradas do que procuraram.

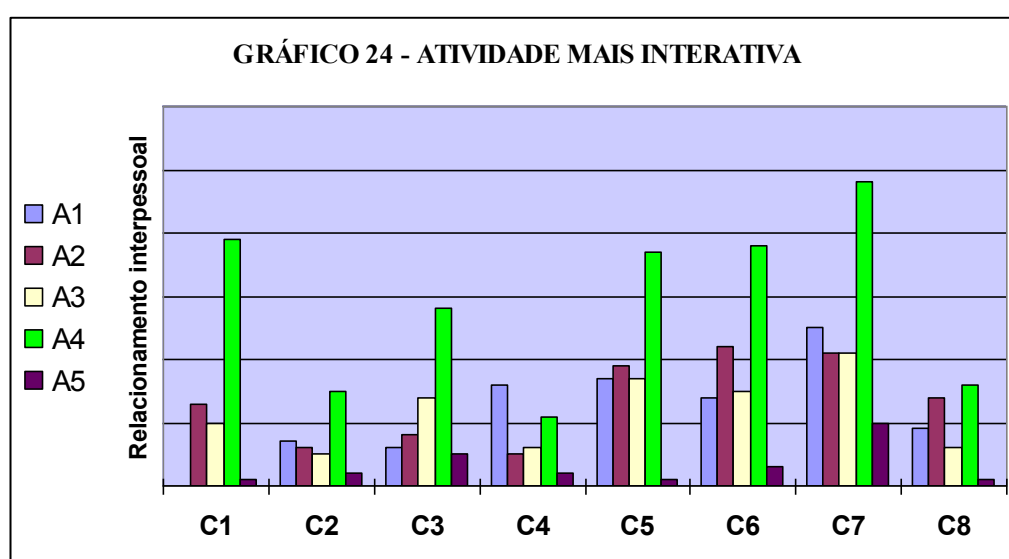
O gráfico 22 também mostra que a criança mais procurada foi a C1. Justificam-se estas procuras para chamá-la às atividades. Devido a sua resistência na participação das brincadeiras, jogos e um pouco menos em danças.



O gráfico 23 também mostra de maneira percentual, quanto de interação aconteceu com cada criança durante toda a aula.

Confirmando com o gráfico anterior, as crianças que mais se relacionaram foram C7, C6 e C5. Tendo somente as três crianças mais de a metade das interações de todos os alunos. As três crianças citadas, respondem por 57% de todas as relações interpessoais da aula.

Justificável a criança C2 ter o menor percentual de relacionamento na aula, pois, como mostrado em seu gráfico individual, esta criança não procurou por ninguém, e sim só houve procuras por ela.

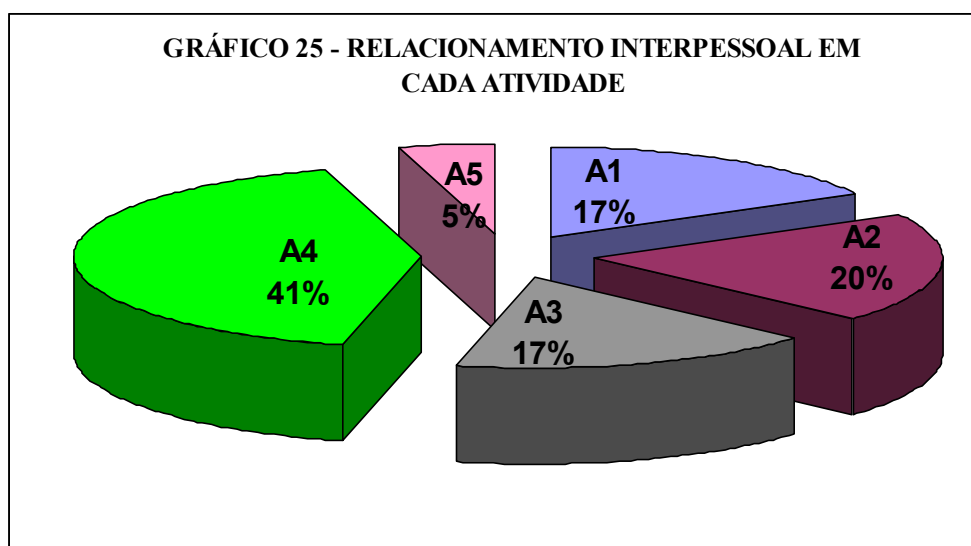


Buscando o contexto da aula, verifica-se através do gráfico 24 que a atividade que gerou mais interação foi a A4. Somente para a C4, isso não ocorreu. Nas outras sete crianças, a atividade que continha músicas, danças e um ambiente descontraído gerado pelo que era oferecido, a A4 foi sem dúvida a mais divertida, gratificante, e que proporcionou relacionamento interpessoal por todos na aula.

O que foi analisado aqui confere com as idéias de Weikart apud Kowalski (1994), de que “o ritmo promove a interação social, desenvolve a auto-estima e auxilia no desenvolvimento de capacidades e de habilidades”, mostrando de acordo com o autor e com o que foi analisado, como a atividade 4 que continha ritmo, dança, música, promoveu a interação social.

A que se ressaltar que esta também foi a única atividade em que C1, participou, mesmo não permanecendo em seu tempo total. Isso confirma com a afirmação “muitas crianças com síndrome de down tem um ótimo senso rítmico” (PUESCHEL, 1993, p.229).

Pode-se ousar dizer que atividades que contenham músicas, favoreçam o entretenimento e relacionamento interpessoal das crianças.



O gráfico 25, confirma por estatística percentual o que é mostrado no gráfico 24. A predominância de relacionamentos ocorridos na A4, com 41% de trocas de relações ocorridas. É quase a metade de todas as trocas de interações, isso somente numa única atividade, de cinco ministradas, consagrando esta atividade como a mais interativa da sessão de atividade motora adaptada ministrada e analisada neste estudo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta aula os participantes analisados, realizaram as atividades de acordo com seus próprios ritmos, sendo a música um precioso estimulante.

Os instrumentos utilizados para análise das aulas auxiliaram no processo de identificação dos aspectos motores e sociais.

De modo geral, os resultados desta investigação sugerem que a intervenção pedagógica baseada em brincadeiras adaptadas contribui de forma positiva para o desenvolvimento das pessoas com diversas deficiências. Apesar de cada um ter suas limitações específicas, todos tem possibilidades de exercer uma vida melhor, tendo suas adequações necessárias. Um dos motivos para este desenvolvimento foi a adequação das atividades e o acompanhamento por parte dos acadêmicos durante todo o período da aula.

Com relação ao comportamento social, percebeu-se mais interação de todo o grupo na atividade com música e dança. Foi o ápice da aula, em alegria, interação e movimentação.

Algo importante a se ressaltar sobre o comportamento social das crianças deste estudo é que o que seria considerado punitivo para crianças que não tem nenhum tipo de deficiência, não é para estas crianças, como pagar prendas. Quando erram, eles se tornam o centro das atenções e com isso torna-se um momento de festa a parte, pois todos querem pagar uma prenda e no fim todos acabam realizando junto a prenda estipulada.

Outro fator importante a ser observado é o quão importante são as atividades cooperativas para crianças que não tem deficiência. Para as crianças deste estudo, a atividade sendo ou não direcionada a cooperação indifere, pois, o grupo já tem grande identificação e união.

Com relação ao comportamento motor, pode-se concluir que todos são capazes de realizar todas as atividades propostas, desde que sejam realizadas adequações às suas necessidades.

Depois deste estudo, tomo como minhas palavras o que afirma Gallahue (2008, p.169), que “A população não deficiente deve entender que pessoas portadoras de necessidades especiais não estão procurando concessões ou compaixão, mas querem ser tratadas como os outros, dentro de seus limites individuais. A inclusão leva a aceitação. A inclusão promove a compreensão, encoraja atitudes favoráveis e leva tanto a aceitação pública como a auto-aceitação”.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R.C.; DANIEL, N.A.; Mc CUBBIN; RULLMAN, L.; **Jogos, esporte e exercícios para deficiente físico**. 3.ed. São Paulo: Manole; 1985.
- ARANHA, M.S.F. Inclusão social e municipalização. In: Eduardo J. Manzini (org.) **Educação Especial: temas atuais**. Marília, UNESP-Marília Publicações, 2000.
- ARQUIVOS CATARINENSES DE MEDICINA. **Tratamento Cirúrgico de Meningomielocele No Período Neonatal** - Volume 36 - Suplemento 01 – 2007. p.151-153. Disponível em: <http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/455.pdf>. Acesso em 10/06/10.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 10.ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.
- BRZEZINSKI, Iria; SEVERINO, Antônio J. . **LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares**. 2. ed. São Paulo (SP): Cortez, 2008.
- CERUTTI, T.; ZUCHETTO, Ângela T. Comportamento social de um portador de síndrome de down, durante cinco anos de atividade motora adaptada: um estudo de caso. In: **IV Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA)**, p. 59. Curitiba, 2001.
- CHAUÍ, Marilena S. **Convite à filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- CORRER, R. **Deficiência e Inclusão Social: construindo uma nova comunidade**. Bauru, SP. EDUSC, 2003.
- DAMASCENO, Leonardo G. **Natação, psicomotricidade e desenvolvimento**. Brasília: Secretaria de Desportos, 1992.
- FRUG, C.S. **Educação motora em portadores de deficiência: formação da consciência corporal**. São Paulo: Plexus, 2001.

GALLAHUE, David L; DONNELLY, Frances Cleland. **Educação Física Desenvolvimentista para Todas as Crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

_____; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo (SP): Phorte, 2005.

GAUDERER, Christian E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento**: uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. Retardo mental, deficiência mental, atraso do desenvolvimento. Brasília: CORDE, 1992.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Hortência A. **Manual de Monografia, Dissertação e Tese**. São Paulo: Avercamp, 2004.

GORGATTI, M.G., COSTA, R.F. **Atividade Física Adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. Barueri, SP. Manole, 2005.

IDE, S.M. O jogo e o fracasso escolar. In: KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

KOWALSKI, Ellen M. Rhythms and dance. In: WINNICK, Joseph P. **Adapted Physical Education and Sport**. 2ed. U.S.A. Human Kinetes, 1994.

KREBS, Patrícia. Retardo Mental. In: WINNICK, Joseph P. **Educação Física e esportes Adaptados**. 3.ed. São Paulo: Manole, 2004. cap.8, p.125-143.

LABORATÓRIO DE NEUROCIENCIAS, INSTITUTO DE PSIQUIATRIA, USP. **Autismo**. Disponível em: <http://www.neurociencias.org.br>. Acesso em 10 de junho de 2010.

MARQUES, Alexandre C. O papel da atividade física na saúde e qualidade de vida de pessoas deficientes. In: 5º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2005, Florianópolis. **Anais do 5º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde**. Suplemento da Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v.10, n.1, p.17.

MAUERBERG-deCASTRO, Eliane. **Atividade Física Adaptada**. São Paulo: Tecmedd, 2005.

NETO, Francisco C. Atividade física e qualidade de vida do portador de deficiência. In: 1º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde e 7º Simpósio de Pesquisa em Educação

Física, 1997, Florianópolis. **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde e 7º Simpósio de Pesquisa em Educação Física**. P.43-44.

NICOLAU, M.L.M. Escolarização e socialização na educação infantil. **Acta Scientiarum**, São Paulo, 2000, v. 22, n.1, p. 119-125.

OLIVEIRA, V.M. Educação Física, Jogo e Deficiência Mental. In: Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. **Temas em educação física adaptada**. SOBAMA, 2001. p.61-66.

OLIVIER, A.C.S.C. & ZUCHETTO, Ângela T. Perfil dos Portadores de Síndrome de Down em Florianópolis. In: **Congresso Brasileiro e Latino-Americano sobre Síndrome de Down**, 2, Brasília. Aneliseis do Encontro Latino-Americano sobre Síndrome de Down. Jun. 1997, p.202-215.

PICQ, Louis.; VAYER, Pierre. **Educação Psicomotora e Retardo Mental**: aplicação aos diferentes tipos de inadaptção. 4. ed. São Paulo: Manole, 1988.

PIMENTEL, S. C. O Especial dos jogos e brincadeiras no atendimento às diferenças. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, 2006, v.15, n.25, p. 147-156, jan/jun.

PINHEIRO, Odnea Q. F.; FIALHO, Francisco A. P. **A Criatividade nos Educandos com Deficiência Mental** : oficina de criatividade “sem limites”. Florianópolis, 2001. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico.

PUESCHEL, S.M. (org.) **Síndrome de Down: Guia para pais e educadores**. Tradução: Lucia Helena Heily. Campinas: Papirus, 1993. p. 2-13.

ROSADAS, Sidney C. **Atividade Física Adaptada e Jogos Esportivos para o Deficiente**: eu posso. vocês duvidam?. Rio de Janeiro: Atheneu, 1989.

_____. **Educação Física Especial para Deficientes**. 3. ed Rio de Janeiro: Atheneu, 1991.

SCHEUER, Cláudia I. **Deficiência Mental Leve**: reflexões e posicionamentos. São Paulo: CLR Balieiro, 1987. 1v. Coleção ensinando-aprendendo. Cadernos Brasileiro de Educação.

SENATORE, Vanilton. Paraolímpicos do futuro. In: CONDE, Antônio João Manescal; SOUZA SOBRINHO, Pedro Américo de; SENATORE, Vanilton. **Introdução ao Movimento Paraolímpico**: Manual de orientação para os professores de educação física. Brasília, DF: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. cap. 1, p. 09-23.

SHERRILL, C. **Adapted physical activity, recreation and sport** – cross disciplinary and lifespan. Boston, MA: Willian C Brown/McGraw Hill; 2004.

_____. **Adapted physycal education recreation and dance**. Texas: WCB, 1986.

SICORDE. **Censo Demográfico de 2000**. Disponível em:
<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/sicorde/censo200.asp>>. Acesso em: 09/06/2010.

SILVEIRA, C., ZUCHETTO, Ângela T. O comportamento social e motor de PNEs durante sessão de atividade motora adaptada. In: **17º Congresso Internacional de Educação Física, Desporto e Recreação**. Educação Física no Mercosul. P.45-50. PR. 2002.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA. **Temas em Educação Física Adaptada**. Curitiba: SOBAMA, 2001.

VELASCO, Cacilda G. **Brincar, o despertar psicomotor**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

ZUCHETTO, Ângela T. **A trajetória de Laila no A.M.A.**: Histórias entrelaçadas. 2008. 208f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Departamento de Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____, Atividade motora adaptada: relato de experiência. In: 1º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde e 7º Simpósio de Pesquisa em Educação Física, 1997, Florianópolis. **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde e 7º Simpósio de Pesquisa em Educação Física**. p. 38-39.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PLANO DE AULA

ELABORADO

Local: Sala de Ginástica – CDS – UFSC

Data: 03 de maio de 2010

Horário: 14 horas às 15 horas

Procedimentos Didático-Pedagógicos

Objetivos: Desenvolver a atenção, a agilidade, a interação e estimular a cooperação de forma lúdica.

Atividade 1: O LOBO E OS PINTINHOS.

Descrição: Divide-se o grupo em duas colunas. O primeiro de cada coluna será o galo ou galinha e os demais serão os pintinhos. Na frente de cada coluna haverá uma pessoa representando o lobo e sua função será tentar pegar o pintinho que estará no final da coluna. O galo ou galinha deverá defender o último pintinho da coluna, com a ajuda dos demais pintinhos do meio, fazendo com que a fila não se desfaça.

Atividade 2: PINTINHO NO TELHADO.

Descrição: Com as crianças dispersas pela sala, realizar a atividade com a seguinte música: “*O pintinho em cima do telhado, escorregou e caiu no chão. Quebrou a asa, quebrou o bico. Foi pro hospital tomar injeção. Cuidado, muito cuidado, seu pintinho, com o gavião*” (duas vezes).

Uma criança deve ser eleita para ser o gavião e as outras serão os pintinhos. No momento em que chegar a parte da música que diz “... cuidado, muito cuidado...” o gavião deve tentar pegar os pintinhos. Os pintinhos, para não serem pegos, devem realizar alguma movimentação (ex: deitar no chão e fazer rolamento; agachar e colocar a mão na cabeça). O pintinho que for pego pelo gavião também se tornará gavião.

Atividade 3: ESTOURO DA MANADA.

Descrição: Os alunos devem ficar em um lado da sala, próximos a parede. Um acadêmico fica no meio da sala e convoca uma ou mais crianças para ultrapassarem o meio da sala,

com o objetivo de chegar ao outro lado. O acadêmico que está no meio deve tentar pegar uma das crianças. Caso consiga pegar uma, esta ficará no meio com ele e as crianças que ultrapassarem tem de gritar em seguida: “Estouro da manada!”. Desta forma as demais crianças tentarão ultrapassar o meio da sala, todas juntas e os que estão no meio tentarão pegar o máximo de crianças possível. Repete-se o procedimento, agora com mais pessoas no meio da sala, até que sobre somente uma pessoa em um dos cantos.

Atividade 4: DANÇA DOS “STEPS”.

Descrição: Dispõem-se diversos “steps” pela sala, de forma que fiquem mais ou menos em círculo e com um “step” a menos que o número total de participantes. Ao começar a música, os participantes devem se locomover em volta dos “steps”, dançando. Quando a música parar, todos devem procurar um “step” para ocupar, sendo que o que ficou de fora continua na brincadeira, podendo pagar uma prenda conforme interesse dos participantes. Repetem-se as rodadas dessa maneira conforme o tempo disponível, sendo que em seguida a brincadeira muda. A partir daí, a cada rodada um “step” é retirado e no momento em que a música parar, é permitido que mais de um participante ocupe os “steps”. A brincadeira continua até que sobre um grande “step”, feito de dois, sendo que o objetivo é que todos ocupem juntos este “step”.

Atividade 5: MÚSICA DOS ANIMAIS.

Descrição: Cantar e gesticular de acordo com a música a baixo.

*“Lá vem o crocodilo...
 ...o orangotango...
 ...as duas serpentinhas...
 ...a águia real...
 ...o gato...
 ...o rato...
 ...não faltou ninguém...
 ...só não se viam...
 ...os dois pequinês.”*

Material Utilizado: “Steps”.

APÊNDICE B – PLANO DE AULA

EXECUTADO

Local: Sala de Ginástica – CDS – UFSC

Data: 03 de maio de 2010

Horário: 14 horas às 15 horas

Procedimentos Didático-Pedagógicos

Objetivos: Desenvolver a atenção, a agilidade, a interação e estimular a cooperação de forma lúdica.

Atividade 1: O LOBO E OS PINTINHOS.

Executado: Todos os participantes da aula foram divididos em dois grupos. Um grupo teve a explicação de um dos acadêmicos ministrantes e o outro grupo, as explicações da outra acadêmica ministrante (dupla). Ocorreu como foi planejado, de o primeiro de cada coluna ser o galo ou galinha e os demais serem os pintinhos. Na frente de cada coluna teve uma criança representando o lobo e sua função foi pegar o pintinho que estava no final da coluna. Foram feitas várias rodadas para que todos passassem pelo menos uma vez pelo personagem de lobo, pintinho e galo ou galinha. O galo(inha) e os pintinhos deveriam manter a fila sem se soltarem enquanto o lobo tentava pegar o último pintinho, mas em todas as rodadas as filas se desprendiam na tentativa de defender do lobo o último pintinho.

Atividade 2: PINTINHO NO TELHADO.

Executado: A atividade ocorreu como planejada. O que houve de confuso inicialmente para as crianças que iniciavam como gavião foi de que teriam de começar a pegar os pintinhos na **segunda estrofe** da música quando se dizia: “... cuidado, muito cuidado...”, mas acabavam correndo atrás na caça dos pintinhos assim que se cantava a palavra “cuidado” já na primeira estrofe. Quando ocorria com o C5 como gavião ele corria atrás dos pintinhos no meio da música, independente da estrofe. A cada rodada íamos ajustando para que saísse exatamente como pedia o momento da música. Todos enquanto pintinhos souberam se comportar para não serem pegos realizando o movimento de agachar e colocar as mãos na cabeça.

Atividade 3: ESTOURO DA MANADA.

Executado: Como planejado, as crianças ficaram em um lado da sala, próximos a parede. Inicialmente o acadêmico ministrante ficou no meio da sala e convocou três crianças para ultrapassarem o meio da sala sem serem pegas por ele. Depois gritaram “estouro da manada” para que todos corressem para o outro lado sem serem pegos pelo acadêmico ministrante. Depois de algumas rodadas, no final ficou somente o C6 que deveria passar para o outro lado. Como estavam todos no meio esperando que ele tentasse passar e para pegá-lo, ele ficou com medo de ser pego e não quis passar para o outro lado. Assim, todos correram na direção dele e o pegaram.

Atividade 4: DANÇA DOS “STEPS”.

Executado: Como o objetivo desta aula foi de cooperação e interação entre as crianças, não foi executada a parte em que a criança que ficasse fora do “step” seria “punida” pagando uma prenda. Foram espalhados “steps” aleatoriamente pela sala e ao som de músicas sertanejas todos dançaram e assim que parava a música todos deveriam subir em cima de um “step”. Como havia em número menor que crianças, as que supostamente sobrassem deveriam subir num “step” já ocupado por outro, dividindo assim os espaços. A cada rodada de música foram diminuídos os “steps” até que sobraram somente dois. Estes dois foram colocados juntos e no fim da última música, todos tiveram de subir no “grande” “step”. Para que ninguém ficasse de fora foi formado um grande abraço. Para a brincadeira não se tornar repetitiva e ser divertida, foi solicitado que dançassem em duplas. A cada mudança de música, as duplas de dança também mudavam.

Atividade 5: MÚSICA DOS ANIMAIS.

Executado: Foi cantado e executado os movimentos da música do Crocodilo.

Material Utilizado: “Steps”, aparelho de som e CD de música.

ANEXOS

ANEXO A
Matriz de Análise do Tempo

ATIVIDADES	TEMPO INICIAL (h:min:seg)	TEMPO FINAL (h:min:seg)	DURAÇÃO
Tempo de Chegada			
Tempo de Transição			
Atividade 1			
Tempo de Transição			
Atividade 2			
Tempo de Transição			
Atividade 3			
Tempo de Transição			
Atividade 4			
Tempo de Transição			
Atividade 5			
Tempo de Saída			
TEMPO TOTAL EM ATIVIDADES			
TEMPO TOTAL EM TRANSIÇÃO			
TEMPO TOTAL DA AULA			

ANEXO B
Matriz de Análise do Comportamento Motor

CATEGORIAS	A1	A2	A3	A4	A5
	“Nome do avaliado”				
Conseguiu realizar a atividade					
Não conseguiu realizar a atividade					
Não realizou a atividade por outro motivo					
Precisou de auxílio de uma pessoa					
Precisou de auxílio de um objeto					
Dificuldade manter-se em pé sem apoio					
Dificuldade de equilíbrio					
Dificuldade em sentar-se e levantar-se					
Dificuldade em caminhar					
Dificuldade em saltar					
Nenhuma dificuldade					
Outras dificuldades					

ANEXO C
Matriz de Análise do Comportamento Social - SOCIOGRAMA

“Nome da criança analisada” “C8”	A1	A2	A3	A4	A5
<i>Crianças</i>					
<i>C1</i>					
<i>C2</i>					
<i>C3</i>					
<i>C4</i>					
<i>C5</i>					
<i>C6</i>					
<i>C7</i>					
<i>Acadêmicos</i>					
<i>Acadêmico1</i>					
<i>Acadêmico2</i>					
<i>Acadêmico3</i>					
<i>Acadêmico4</i>					
<i>Acadêmico5</i>					
<i>Acadêmico6</i>					
<i>Acadêmico7</i>					
<i>Acadêmico8</i>					
<i>Acadêmico9</i>					
<i>Acadêmico10</i>					
<i>Acadêmico11</i>					
Legenda:	FOI PROCURADO = “X”		PROCUROU = “O”		AUSENTE= “ * ”